

**OLIMPICAMENTE - A RUTURA DE PIERRE DE COUBERTIN COM A
EDUCAÇÃO FÍSICA DO MENS SANA IN CORPORE SANO AO CITIUS, ALTIUS,
FORTIUS**

OLYMPICALLY - PIERRE DE COUBERTIN BREAK WITH PHYSICAL EDUCATION
MENS SANA IN CORPORE SANO TO CITIUS ALTIUS FORTIUS

Gustavo Pires

Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa
(gpires@fmh.utl.pt)

122

Resumo:

Na lógica da cultura helénica e motivado pelas experiências educativas das escolas públicas inglesas, Pierre de Coubertin, em 1894, desencadeou a institucionalização do Movimento Olímpico moderno estabelecendo uma rutura ideológica com a educação física e os vários sistemas gímnicos que, ao tempo, pontuavam na Europa. O que fundamentalmente afastou Coubertin dos prosélitos da educação física foi a ideia de uma competição justa, nobre e leal enquanto instrumento de educação e de cultura desenvolvido a uma escala global. Para Coubertin, o desporto devia estabelecer um corte epistemológico com o conceito estático de eurtímia de Juvenal para assumir uma perspetiva dinâmica que, na dialética entre equilíbrios e desequilíbrios, devia gerar desenvolvimento e progresso. Nestas perspetiva, Coubertin foi um ganhador, na medida em que, ao cabo de 120 anos de vida, o Projeto Olímpico já provou ser uma das maiores conquistas da humanidade.

Palavras-chaves: Coubertin, Movimento Olímpico, Educação Física.

Abstract:

In the logic of Hellenic culture and motivated by the educational experiences of English public schools, Pierre de Coubertin, in 1894, started the institutionalization of the modern Olympic Movement establishing an ideological rupture with physical education and the various gymnastic systems that, at the time, punctuated in Europe. What fundamentally pulled away Coubertin from the proselytes of physical education was the idea of fair, noble and loyal competition as an instrument of education and culture developed on a global scale. For Coubertin, sport should establish an epistemological break with the static concept of Juvenal eurhythmics to assume a dynamic perspective that, in the dialectic of balances and imbalances should generate development and progress. In such perspective, Coubertin was a winner because, at the end of 120 years, the Olympic Project has proven to be one of the greatest achievements of mankind.

Keywords: Coubertin, Olympic Movement, Physical Education.

1. Introdução

Os gregos antigos, como sabiam que, na sua ânsia de poder e de glória, os homens tinham necessidade de violência para se sentirem realizados, inventaram os Jogos¹ e, deste modo, sem os custos trágicos da guerra, tornaram a paz gloriosa, através do prazer lúdico da violência controlada. E eles viajavam longas distâncias para consultarem os oráculos e ouvirem as previsões das musas, cassetras e pitonisas, a fim de ultrapassarem as dúvidas e anseios das suas vidas, mas também para participarem nos grandes festivais de destrezas, de lutas, de corridas, de récitas, de música e de dança que eram os Jogos, realizados em honra de Zeus, o rei dos deuses. À época, os Jogos eram o ponto nevrálgico da vida grega, num perfeito compromisso de emoções e de sentimentos entre o homem, a natureza e a sociedade. Se os exercícios e as competições preparavam o corpo para a luta guerreira, a música e a dança faziam parte dos rituais de batalha, e a deusa da alegria, do prazer e do divertimento, de seu nome Paidia, geria o clamor da diversão que, sob o comando de Ares, deus da guerra, podia ir até ao amargo sabor doce da violência selvagem cantada por Homero. Por outro lado, Apolo, deus do rigor, da ordem e do futuro, assediado pelo êxtase frenético das festas e do prazer de Dionísio, deus do vinho, promovia a excelência da *areté*, que os gregos desenvolviam através do exercício da violência controlada no polissêmico conceito de *agôn*, acerca do qual Friedrich Nietzsche (1844-1900), o filósofo da energia vital, da vontade de poder e do super-homem, em 1872, escreveu o seu texto “A Competição em Homero” e Pierre de Coubertin (1863-1937)², em 1892, propôs o regresso a esses valores.

Na caminhada dos homens para a civilização, o jogo enquanto instinto, como afirmou Coubertin em 1922³, em muitas circunstâncias, representou a metáfora da guerra, num processo em que as sociedades procuraram sublimar os seus instintos bélicos através da competição organizada de maneira a satisfazerem as necessidades mais primitivas de luta pela sobrevivência. Sempre assim foi e, muito provavelmente, sempre assim será.

Por tudo isto, foi, certamente, entusiasmado com a descoberta do sítio de Olímpia realizada em 1881 pelo alemão Ernst Curtius (1814-1896)⁴ que Pierre de Coubertin percebeu

¹ Entre outros, os Olímpicos, os Píticos, os Nemeus e os Ístmicos, realizados em honra de Zeus, o rei dos deuses.

² Cf. Nietzsche, Friedrich (2003). A Competição em Homero. In: *A Competição em Nietzsche*, Introdução, tradução e notas de Rafael Gomes Filipe. Lisboa: Veja, coleção Passagens. Este texto de Nietzsche pode ainda ser encontrado em: Nietzsche, Friedrich (s/d). *Cinco Prefácios para Cinco Livros Não Escritos*. Rio de Janeiro, Editora 7 Letras. (2ª Edição).

<<http://afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Nietzsche,%20Friedrich/Friedrich%20Nietzsche%20-%20Cinco%20Pref%C3%A1cios%20Para%20Cinco%20Livros%20N%C3%A3o%20Escritos.pdf>>

³ Cf. Coubertin, Pierre (1986). *Naissance des Incitantes Sportives*. Cf. *Textes Choisis, Tome II Olympisme*. Primeira publicação: 1922, pp. 32-40.

⁴ Ernst Curtius (1814-1896) foi um historiador, arqueólogo e professor alemão. Foi professor na Universidade de Berlim e diretor do Museu de Antiguidades, na mesma cidade. A sua principal obra é uma história em três volumes da Grécia. A ele ficam a dever-se as escavações que deram com o sítio de Olímpia, onde os gregos antigos realizavam os Jogos Olímpicos. Cf. <http://archaeology.about.com/od/archaeologicalsite1/a/olympia.htm> (Consultado em: 23-02-2011).

a necessidade de regressar ao passado competitivo grego estabelecendo um corte com as atividades físicas que, ao tempo, eram realizadas por motivos recreativos, de saúde, de preparação militar ou de apuramento da raça.

No presente ensaio pretendemos determinar as condições em que, entre o final do século XIX e o princípio do século XX, Coubertin estabeleceu um corte com os modelos gímnicos que, na altura, eram preponderantes, desencadeando um novo modelo, o desportivo, que viria a ter um enorme sucesso e prestígio à escala do Planeta.

2. Em busca da excelência

A dimensão agonística da sociedade grega visava ultrapassar uma visão pessimista e decadente pela constante superação das tensões entre os homens, com o objetivo de proclamar a excelência humana na sua verdadeira beleza e glória, através da afirmação de uma perspetiva positiva da vida consubstanciada no jogo competitivo em busca da superação e da excelência. Nietzsche expressa este sentimento do jogo da luta n'“A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos” quando afirma que “o mundo é o jogo de Zeus”⁵. Ao fazê-lo, atribuiu ao jogo uma dimensão ontológica num sentido eminentemente positivo da vida que sai reforçado ao afirmar que “não é a perversidade, mas o impulso do jogo sempre despertando de novo que chama outros mundos à vida”⁶. Assim sendo, o jogo que caracteriza a cultura de competição da Grécia Antiga, no discurso de Nietzsche, tem a mesma dimensão semântica das palavras luta, combate, querela, disputa ou discórdia em busca da excelência que encontramos no discurso de Pierre de Coubertin. Quando a criança liga, junta, constrói, brinca e disputa segundo uma lei que lhe confere uma ordem intrínseca, ela prepara a vida.

Se, por um lado, a dimensão competitiva do jogo e da vida não deve ser condicionada, sob pena de perder aquilo que de mais útil tem, que é a dimensão da luta, livre, nobre e leal pela superação, por outro lado, não deve ser deixada ao sabor do imprevisto e do imprevisto porque, tendo em atenção os mais primários sentimentos da condição humana, pode desencadear processos absolutamente dramáticos para a vida das pessoas, dos países ou das regiões. Nesta perspetiva, diremos que uma sociedade pode beneficiar do equilíbrio de tensões criado entre os seus membros. Na realidade, quando o sucesso ou o fracasso, em grande medida, dependem da qualidade das decisões dos líderes dos mais diversos setores económicos e sociais, é de fundamental importância que elas sejam tomadas a partir de um conhecimento profundo do que são as vantagens de um equilíbrio competitivo, condição *sine qua non* de evolução e de progresso.

3. O anúncio de 1892

Em finais do século XIX, de uma maneira geral, todos os movimentos de Educação Física (EF) e desporto libertos de preconceitos tinham subjacentes preocupações políticas, patrióticas e militares, para além das higiénicas e educativas. Por isso, no que diz respeito ao Olimpismo enquanto movimento de EF surgido no século XIX, as suas relações com a política aconteceram, como não podia deixar de ser, desde que Pierre de Coubertin idealizou a

⁵ Cf. Nietzsche, Friedrich (1987). *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*. Lisboa, Edições 70, p. 46.

⁶ Cf. Nietzsche, Friedrich (1987). *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*. Lisboa, Edições 70, p. 50.

institucionalização dos Jogos Olímpicos (JO). Porque, ao fazê-lo, teve como objetivo mais profundo ultrapassar a enorme crise de degenerescência em que os Franceses se encontravam desde que o exército de Napoleão III (1808-1873) sofreu uma enorme derrota em Sedan (2 de setembro de 1870) infligida pelo exército prussiano comandado por Otto von Bismarck (1815-1898). Contudo, como se pode verificar nas suas memórias, Coubertin teve como preocupação instituir no novo Movimento Olímpico uma dinâmica de paz, procurando sentar à mesma mesa de conversações países beligerantes, convencendo-os implicitamente de que era possível transferir para os campos da luta competitiva do desporto as disputas políticas, ultrapassando as questões até então resolvidas por meios bélicos que, a partir da chamada “guerra de massas”,⁷ devido aos armamentos tecnologicamente mais sofisticados, passaram a provocar entre os países beligerantes perdas insuportáveis em vidas e bens.

Ao tempo, todos falavam na necessidade de mudar, mas, quando se tratava verdadeiramente de mudar, as dificuldades surgiam de todos os lados. Por isso, Pierre de Coubertin (1863-1937), ao anunciar a necessidade de serem restabelecidos os JO da Grécia Antiga no dia 25 de novembro de 1892, numa conferência que se realizou na Sorbonne no âmbito das comemorações do quinto aniversário da *Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques* (USFSA)⁸, fê-lo com o máximo cuidado, a fim de não criar uma reação imediata dos prosélitos das diversas escolas de ginástica que se desenvolviam não só em França como por toda a Europa. Em consequência, o anúncio de Coubertin foi recebido com entusiasmo;

⁷ A palavra “guerra” é um termo que tem vindo desde 1928 a cair em desuso no Direito Internacional, muito embora ainda seja utilizada para designar grandes conflitos, como foram as duas guerras mundiais. Na realidade, o discurso diplomático parece preferir a expressão “conflito armado internacional”, uma vez que, desde o Pacto de Paris de 1928, a guerra foi proscrita do Direito Internacional como meio válido de solução de conflitos. O Pacto de Paris ficou também conhecido como o Pacto Briand-Kellog, em referência ao ministro francês do exterior Aristide Briand e ao chanceler americano Frank Kellog. O art. 1.º diz: “As Altas Partes Contratantes declaram solenemente, em nome dos respetivos povos, que condenam o recurso à guerra para resolução dos conflitos internacionais e a ela renunciam como instrumento de política nacional nas suas mútuas relações.” Contudo, como se sabe, não foi pelo facto de a palavra guerra ter sido expurgada do direito internacional que a discórdia, os conflitos e a própria guerra deixaram de existir nas relações entre homens, entre grupos e entre estados. Na realidade, as questões relativas à guerra não se esgotam no direito internacional nem na arte da diplomacia, pelo que o referido tratado de Paris não evitou nem a II Guerra Mundial nem diversas guerras regionais, entre elas as mais famosas, a da Coreia e a do Vietname. O verdadeiro problema da guerra é que ela não se extingue nem por acordos nem por tratados, porque estes expressam tão-só os seus aspetos formais que se refletem na arte do combate. É necessário encontrar a explicação ontológica das origens mais longínquas da guerra que se encontram inscritas no código genético da humanidade, que por sua vez se traduzem nos padrões de comportamento que, do ponto de vista cultural, foram sendo adquiridos ao longo de sucessivas gerações. A guerra, na definição de Brian Ferguson, é uma “organização de um grupo com um propósito de ação dirigido contra outro grupo (...) envolvendo uma força letal atual ou potencial” e, assim, antecede a própria formação do Estado. Portanto, embora o término da guerra possa ser virtualmente determinado através de um qualquer tratado, a verdade é que a diplomacia não esgota a questão, na medida em que o assunto é de grande complexidade. Na realidade, a compreensão da problemática passa pelo estudo multidisciplinar, sendo que tanto as ciências como as humanidades contribuem para um melhor esclarecimento da questão.

⁸ Coubertin via mais longe e primeiro que os seus contemporâneos. Por isso, em 29 de novembro de 1890, promoveu a união entre o *Comité pour la Propagation des Exercices Physiques*, por si fundado em 1 de junho de 1888, com a *Union des Sociétés Françaises de Course a Pied* estabelecida por Georges de Saint-Clair em 20 novembro de 1887, a fim de fundar a 20 de novembro de 1887 uma nova organização, a *Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques* (USFSA) que, com um estatuto de superestrutura do desporto francês, se expandiu por toda a França. Em 1900 a USFSA encarregou-se de organizar diversas competições respeitantes aos JO de Paris (1900).

contudo, os presentes estavam convencidos de que se tratava tão-só do anúncio de mais um “meio de EF”, pelo que, e é o próprio Coubertin que o diz, ao anunciar a intenção de organizar os JO da era moderna, ficou com a ideia de que a generalidade dos presentes no anfiteatro da Sorbonne não percebeu do que é que ele estava a falar e, menos ainda, das consequências que daí poderiam advir. Até porque, Georges Saint-Clair, um dos fundadores da USFSA e uma das figuras de proa do congresso, no seu discurso, tinha proclamado as virtudes da EF, bem como os métodos como ela era ensinada pela nova escola francesa que, para além dos cuidados relativos à higiene, promovia a formação do caráter dos alunos num ambiente democrático⁹. Claro que o discurso de Saint-Clair, redondo de forma, vazio de substância e falho de objetivos concretos, podia descansar os congressistas quanto à circunstância de tudo continuar a decorrer como dantes; no entanto, nada tinha a ver com as intenções de Coubertin que, para não amedrontar os presentes, fez passar a ideia de que a única coisa que queria era promover a “renovação muscular em França”, quer dizer, melhorar aquilo que a EF já fazia. Não foi fácil porque, como ele próprio referiu nas suas memórias¹⁰, por vezes, tinha de se fazer passar por imbecil a fim de conseguir os seus objetivos.

4. A restauração dos Jogos Olímpicos

O desporto moderno encontra a sua essência na própria natureza humana, a qual tem inerente um conteúdo biológico que se exprime através da luta pela superação. E os JO são, nos tempos que correm, a expressão global dessa substância intrínseca e uma emanção, ao mesmo tempo, em termos culturais das sociedades de tipo capitalista, democrático e liberal, em que vivem e convivem a grande maioria dos países desenvolvidos. Por isso, quando Coubertin anunciou a intenção de restaurar a realização dos JO da antiguidade grega, desencadeou um processo que havia de provocar uma mudança radical em todo o sistema de atividades físicas que, à época, se praticavam. Contudo, para que a mudança tivesse sucesso, Coubertin preocupou-se em fazê-la parecer uma simples melhoria daquilo que já se fazia no passado. Nestes termos, não estamos de acordo que Coubertin seja dado como um pedagogo quando, bem vistas as coisas, nem Coubertin teve da pedagogia uma prática que lhe granjeasse prestígio nem a pedagogia foi o seu instrumento privilegiado de ação a fim de instituir o Movimento Olímpico moderno. Claro que Coubertin foi um pedagogo, até porque obteve formação universitária em pedagogia; todavia, não foi com pedagogia que ele resolveu as questões económicas, sociais e políticas que se levantaram ao desenvolvimento dos JO da era moderna e à institucionalização do Comité Olímpico Internacional (COI). Na realidade, se observarmos bem, na institucionalização dos JO da era moderna, a ação de Coubertin teve muito mais a ver com toda uma dinâmica organizacional nos domínios da psicologia, da sociologia e da gestão do que propriamente com os domínios da pedagogia que foi tão-só a precursora de tudo aquilo que ia acontecer. Para Coubertin, desde a “conquista da Grécia” e a organização dos Jogos de Atenas em 1896, até ao último combate da sua vida, que foi a defesa da realização dos Jogos de Berlim em 1936, nunca o desporto foi uma atividade assética longe dos problemas do mundo e da política que rege as relações humanas.

⁹ Cf. *Genèse Olympique: Les conférences de la Sorbonne de 1892 et de 1894*. John A. Lucas, Universidade da Pensilvânia. <http://www.la84foundation.org/OlympicInformationCenter/RevueOlympique/1974/orf85/orf85u.pdf> (Consultado em 06-10-2010).

¹⁰ Cf. Coubertin, Pierre (1922). *Mémoires Olympiques*. Paris, Editions Revue EPS, p. 25. A primeira edição é de 1931, portanto cerca de seis anos depois de Coubertin ter deixado a presidência do COI.

5. Estratégia de envolvimento

Coubertin refere nas suas “Memória Olímpicas” que, relativamente à institucionalização dos JO da era moderna, resolveu utilizar uma estratégia de envolvimento que passava, como habitualmente acontecia, pela utilização de um subterfúgio¹¹. Para o efeito, em janeiro de 1894, Coubertin divulgou uma carta por todo o mundo em que anunciava a realização de um congresso internacional cuja ordem do dia seria a discussão acerca das questões relativas ao amadorismo. Contudo, Coubertin, de uma forma discreta, no final da carta também anunciava o propósito de instituir a realização dos JO da era moderna que, no fundo, era o seu principal objetivo. Assim, pode ver-se no *Bulletin n.º 1 do Comité International des Jeux Olympiques* que o Congresso foi quase todo preenchido com debates acerca de amadores e de amadorismo, quando a principal intenção de Coubertin foi a de fazer passar a ideia dos JO¹².

6. Três protagonistas para um fim de século conturbado

Em finais do século XIX, em matéria de EF e de desporto na Europa, pontuavam em França Paschal Grousset (1844-1909), um homem da Comuna de Paris, Philippe Tissié (1852-1935), um médico “suecofílico”, e Pierre de Coubertin (1863-1937), um aristocrata interessado na dimensão política das questões da pedagogia.

Em junho de 1888, Coubertin fundou o *Comité pour la Propagation des Exercices Physiques*. Imediatamente depois, Paschal Grousset fundou a *Ligue Nationale de l'Éducation Physique* e Philippe Tissié, também em outubro do mesmo ano, fundou a *Ligue Girondine d'Éducation Physique*. A partir de então, estes três homens envolveram-se numa disputa acerbada a fim de determinarem quem havia de ter a primazia ideológica sobre a organização das atividades físicas em França.¹³ Estes, em grande medida, pelas diferentes perspetivas ideológicas de cada um, mas também devido aos interesses pessoais que conflituavam entre si, deram início a uma guerra surda que, para além deles, se havia de prolongar por todo o século XX e até entrar no século XXI, porque ainda hoje está por resolver. Repare-se que Coubertin não fundou um comité de EF mas de atividade física, enquanto os seus dois opositores fundaram ligas de EF. Ora, isto sugere que Coubertin já tinha a ideia de estabelecer uma rutura com os modelos que vinham do passado muito antes de 1892, quando anunciou a intenção de fazer renascer os JO da antiguidade e de, em 1894, proceder efetivamente à fundação do *Comité International des Jeux Olympiques*.

¹¹ Cf. *Genèse Olympique: Les conférences de la Sorbonne de 1892 et de 1894*. John A. Lucas, Universidade da Pensilvânia. <http://www.la84foundation.org/OlympicInformationCenter/RevueOlympique/1974/orf85/orf85u.pdf> (Consultado em 02-04-2012).

¹² Tratou-se de uma espécie de *McGuffin*, quer dizer, de um truque idealizado por Hitchcock em que o realizador faz os espetadores seguirem atrás de uma personagem que nada tem a ver com o enredo do filme. No caso de Coubertin, este fez os congressistas seguirem uma linha de pensamento relativa à elegibilidade, a fim de poder fazer passar a ideia dos Jogos Olímpicos.

¹³ Cf. Pires, Gustavo (2012). Para uma Cultura de Competição: Paschal Grousset (1844-1909), Philippe Tissié (1852-1935) e Pierre de Coubertin (1864-1937). In: *Celebrar a Lusofonia – Ensaios e Estudos em Desporto e Educação Física*. Belo Horizonte/Brasil, Casa da Educação Física, pp. 329-367.

Se quisermos apurar o momento e o local em que se desencadeou por todo o mundo a “guerra” entre a EF e o desporto foi, sem dúvida, naquele ano em França e com aquelas três figuras que, sobre a competição, tinham posições radicalmente diferentes. Em conformidade, cada um deles criou a sua própria organização. A personalidade, o percurso de vida e os interesses de cada um deles eram completamente diferentes e as diferenças ficaram definitivamente marcadas ao escolherem, cada um deles, o seu próprio caminho.

Se a rutura com Paschal Grousset foi imediata e breve, a rutura com Philippe Tissié acabou por ser penosa e demorada, pelo que só se viria a consumir no Congresso do Havre (o segundo Congresso Olímpico) em 1897.¹⁴ Vejamos as características de cada um dos três protagonistas em presença.

7. Paschal Grousset

Sobre Paschal Grousset, o mais velho dos três, os dados biográficos são escassos e dispersos, o que nos leva a perceber porque é que esta figura, de fundamental importância para a institucionalização do desporto e da EF de finais do século XIX e século XX, não faz parte dos manuais mais tradicionais da história do desporto. Por exemplo, Grousset é um nome ausente da literatura desportiva francesa, entre ela a obra clássica de Jacques Ulmann intitulada *De la Gymnastique aux Sports Modernes*, cuja primeira edição saiu em 1965. Se se fizer uma pesquisa bibliográfica, as referências a Grousset encontradas são passageiras e breves. Existe um trabalho de Eugen Weber intitulado “Coubertin et le Sport en France” publicado nos números 34, 35 e 36 da *Revue des Jeux Olympiques* datadas, respetivamente, de julho, agosto e setembro de 1970. Recentemente, surgiram nos escaparates franceses duas biografias de Paschal Grousset: a primeira é da autoria de Pierre-Alban Lebecq (1997) e intitulada *Paschal Grousset et la Ligue Nationale de l'Éducation Physique*; a segunda, da responsabilidade de Noël, foi editada em 2010 no centenário da sua morte, sob o título *Paschal Grousset, de la Commune de Paris à la Chambre des Députés, de Jules Verne à l'Olympisme*. Tratam-se de obras académicas, tentativas empenhadas para restabelecer a memória da ação política e desportiva de Grousset que, independentemente de se estar de acordo ou não com as suas ideias, caiu injustamente no esquecimento. Na realidade, nem aqueles que continuaram o desenvolvimento da EF no século XX se dignaram prestar-lhe uma justa homenagem. Georges Hébert (1875-1957), Raoul Fournié (1885-1953), Pierre Seurin (1913-1983), Jean Le Boulch (1924-2001) e, a partir dos anos sessenta, toda a designada “nova esquerda” que, tendo como chefe de fila Jean-Marie Brohm¹⁵, não prestaram a mínima atenção ao combate e à obra de Grousset, quando se sabe que a ele se ficou a dever toda uma lógica de desenvolvimento da EF através dos jogos populares e das “manifestações atléticas” escolares que davam pelo nome de *Lendit*¹⁶. Em 1889, contra a perspetiva de Coubertin, que acusava de anglófilo, organizou em Paris o primeiro *Lendit*, hoje considerado como o

¹⁴ Cf. Pires, Gustavo (2012). Para uma Cultura de Competição: Paschal Grousset (1844-1909), Philippe Tissié (1852-1935) e Pierre de Coubertin (1864-1937). In: *Celebrar a Lusofonia – Ensaios e Estudos em Desporto e Educação Física*. Belo Horizonte/Brasil, Casa da Educação Física, pp. 329-367.

¹⁵ Jean-Marie Brohm é um dos detratores da figura e da obra de Coubertin.

¹⁶ *Lendit* é uma palavra que tem origem no latim *indictum*, que significa “feira” e corresponde a uma antiga festa universitária da idade média que se realizava anualmente e dava lugar a algumas excentricidades físicas. Cf. Lebecq, Pierre-Alban (1997). *Paschal Grousset et la Ligue Nationale de l'Éducation Physique*. Paris, Harmattan, pp. 178-179.

arranque do desporto escolar e universitário em França, tendo para o efeito fundado no bosque de Bolonha a *École Normale des Jeux Scolaires*. Mas a grande injustiça a Grousset fez-se quando, a partir dos anos sessenta, os arautos da nova esquerda francesa que institucionalizaram o “desporto não competitivo” se esqueceram de referenciar que o pai de tal ideia, ainda que absurda, tinha sido Paschal Grousset. Ele era, sem sombra de dúvida, um homem que se situava, no coração, na extrema-esquerda do espectro político. Tinha participado ativamente na Comuna de Paris. Trinta e três anos mais tarde, quando em 1893, pela força do voto dos ciclistas que se mobilizaram para o efeito¹⁷, foi eleito pelo 12.º círculo de Paris para a Câmara, mantinha as mesmas convicções revolucionárias. Então, logo no início da campanha eleitoral avisou os seus eventuais eleitores através de um jornal que ele próprio editava e que tinha o significativo nome de *La Bouche de Fer*:¹⁸

Sou republicano, radical, patriota, socialista. Não concebo a República sem a organização pacífica das forças produtivas do país e sem a orientação sistemática da legislatura pelo interesse do maior número. Se me enviarem para a Câmara sentar-me-ei na extrema-esquerda...¹⁹

Grousset, nos anos sessenta, tinha abandonado a formação em medicina, tornando-se jornalista e escritor de profissão. Em 1869, começou a trabalhar como jornalista no jornal *La Marseillaise*, onde escrevia artigos revolucionários. Participou ativamente na Comuna de Paris, na qual exerceu funções no âmbito das relações exteriores. Em 1872, depois da queda da Comuna, foi preso, julgado e deportado em 1872 para a Nova Caledónia, de onde acabou por fugir para a Austrália em março de 1874. Depois, viveu em S. Francisco, Nova Iorque e Londres. Em Londres, exerceu a profissão de jornalista, editou vários jornais e escreveu várias obras sob os pseudónimos de André Laury e de Philippe Daryl, na medida em que o seu nome, em França, estava completamente “queimado”. Em 1880, ao abrigo da amnistia decretada, regressou a Paris. O posicionamento político de Grousset levou-o a envolver-se nas questões da educação e, em consequência, da EF. Então, sob o pseudónimo de Philippe Daryl, a partir da experiência da vida que levava em Inglaterra, escreveu “La Vie de College en Angleterre” e um conjunto de artigos no jornal *Le Temps*, sobre atividades físicas de natureza. Os artigos em causa obtiveram um significativo eco na sociedade francesa. Neles, Grousset manifestava-se contra a “anglomania”, fazia apelo ao amor pátrio e propunha um sistema de EF baseado nas atividades de natureza, a partir dos jogos tradicionais franceses. Foi também professor, tendo lecionado Fisiologia e Física. Escreveu romances, obras históricas e de ficção científica, tendo chegado a colaborar com Júlio Verne. Ele foi o responsável pela publicação da primeira enciclopédia de desporto, que surgiu nos escaparates em quatro obras: *A equitação moderna* (1892); *A velocipedia para todos* (1893); *Jogos de bola* (1894); *O desporto do Remo* (1895). Em 1893, foi eleito deputado socialista, função que exerceu com entusiasmo, e até coragem, ao afrontar na Câmara o General Gallifet, responsável pelos fuzilamentos depois da queda da Comuna. Tendo vivido vários anos em Inglaterra, por motivos de mera justiça social, tinha do desporto uma perspetiva não competitiva. Ele considerava o desporto inglês elitista, pelo que ensaiava encontrar modelos alternativos,

¹⁷ Cf. Weber, Eugen (1970). Coubertin and Sport in France. *Olympique Review*, n.º 36, p. 464.

¹⁸ A Boca de Ferro.

¹⁹ Cf. Lebecq, Pierre-Alban (1997). *Paschal Grousset et la Ligue Nationale de l'Éducation Physique*. Paris, Harmattan, p. 227.

através de uma espécie de “exercícios físicos recreativos” que, realmente, estivessem ao serviço do povo e da grande maioria das pessoas. Em termos gerais, aceitava a prática desportiva como higiene de vida, contudo, em nome de um ideal de fraternidade e educação popular, rejeitava a competição desportiva, que considerava política e moralmente nefasta. No entanto, num artigo de 3 de outubro de 1888, escrevia: “Les jeux olympiques, le mot est dit: il faudrait avoir les nôtres”²⁰. Tal facto pode não ser tão contraditório como à primeira vista parece ser, se se considerar que, ao tempo, o conceito de desporto ainda era bem difuso e a ideia de JO não era a mesma que hoje temos, nem a ideia de JO de Grousset seria certamente semelhante à de Coubertin e dos seus correligionários, a quem acusava de “Anglomances du Sport”²¹. De resto, Grousset, em 1890, sob o pseudónimo de Philippe Darly, num artigo publicado no *Le Temps* de 28 de janeiro daquele ano, escreveu:

O desporto é sinónimo de especialização física, de treino intensivo, de procura do excesso, de aperfeiçoamento técnico, de progresso tático constante. Ora, em França, não se trata de fazer especialistas, nem de transformar as nossas crianças em ‘virtuosos’ da raquete ou da bola. A reforma da EF não tem senão por fim encher-lhes os pulmões de ar, exercitar-lhes os músculos, fazê-los adquirir qualidades morais que somente o jogo pode dar. E este resultado será seguramente atingido com mais qualidade pela variedade de exercícios do que pela concentração de esforços somente num. A melhor sabedoria é ser eclético. Pouco importa a origem, se dos desportos ingleses se dos jogos tradicionais franceses, o sistema baseia-se na variedade, na capacidade de um exercício completar ou corrigir os efeitos morais de um outro; ela (a reforma da EF) opõe-se ao espírito desportivo da educação inglesa que P. de Coubertin quer implantar em França na educação secundária.²²

Apesar de condenar a competição e o modelo competitivo de Coubertin, Grousset tinha uma personalidade bem competitiva. Antes da Comuna, sentindo-se difamado por um artigo assinado por Pierre-Napoléon Bonaparte, primo de Napoléon III, Grousset enviou-lhe imediatamente emissários no sentido de lhe exigir uma reparação pelas armas. O problema é que um dos emissários, o jornalista Victor Noir, acabou assassinado. Grousset foi condenado e passou seis meses na prisão. Era uma pessoa combativa, com uma habilidade especial de

²⁰ Cf. Targat, H. (s/d). *Premieres elements d'une Biographie de Paschal Grousset (1844-1909)*. Lille, EPS. (<http://visio.univ-littoral.fr/revue-staps/pdf/23.pdf>). (Consultado em 23-09-2009).

²¹ Cf. Rioux, George (1986). Pierre de Coubertin Educateur. In: *Pierre de Coubertin, Textes Choisis, Tome I*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 13.

²² “Le sport est synonyme de spécialisation physique, d’entraînement intensif, de recherche de l’excès, de perfection technique, de progrès tactique constant. Or, il n’est point de question, en France, de faire des spécialistes, ni de transformer nos enfants en ‘virtuosos’ de la raquette ou du ballon. La réforme de l’éducation physique n’a pour but que de remplir leurs poumons d’air pur, de faire s’exercer tous leurs muscles, de leur faire acquérir des qualités morales que seul le jeu peut donner. Et ce résultat sera bien plus sûrement atteint par la variété des exercices que par la concentration des efforts sur un seul. Le plus sage est d’être éclectique. Peu importe alors l’origine des exercices, sports anglais ou jeux traditionnels français, le système repose sur la variété, sur la capacité d’un exercice à compléter (ou à corriger) les effets physiologiques et moraux d’un autre; elle (la réforme de l’éducation physique) s’oppose à l’esprit sportif de l’éducation anglaise que voudrait implanter P. de Coubertin, en France, dans l’éducation secondaire.” Cf. Lebecq, Pierre-Alban (1997). *Paschal Grousset et la Ligue Nationale de l’Éducation Physique*. Paris, Harmattan, p. 172.

convencer os outros. Embora a perspectiva de Grousset tenha acabado vencida pela perspectiva desportiva de Coubertin, o que é facto é que, vinda da esquerda com origens na Comuna, acabou por influenciar toda uma visão esquerdista do fenómeno desportivo. Esta visão contaminou, em primeiro lugar, o desporto na União Soviética que só abandonou o “desporto não competitivo” quando aderiu ao COI em 1951 e, depois, a prática desportiva na República Popular da China (RPC) desenvolveu um modelo desportivo fundamentado na abolição da competição, que durou até aos anos setenta, altura em que o país, através da “diplomacia do pingue-pongue”, começou a preparar o seu regresso à Organização das Nações Unidas (ONU) e ao COI, o que aconteceu, respetivamente, em 1971 e em 1979. Porque, durante muitos anos, a Comuna e o que ela significava provocou um medo terrível nas elites francesas; e talvez por isso, Grousset, numa espécie de “conspiração de silêncio”, como referiu Targat, tenha sido remetido ao esquecimento.

8. Philippe Tissié

Tissié dizia-se independente, muito embora as suas posições relativamente ao desporto e à competição fossem, de alguma maneira, perto das defendidas por Grousset. De resto, o Congresso Nacional de EF foi organizado em 1893 em Bordéus pela Liga Girondina por lhe ter sido delegada essa incumbência pela Liga Nacional de Educação Física de Paschal Grousset. Tissié era médico e um entusiasta praticante de ciclismo e de ginástica. Porque acreditava profundamente no regionalismo que dizia ser um fermento dinâmico, fundou em 19 de dezembro de 1888, em Bordéus, a Liga Girondina de Educação Física que tinha como objetivo “obter das Câmaras os recursos a afetar à população escolar, terrenos destinados a jogos e exercícios públicos bem como o material necessário”.²³ As suas ideias, na linha de Grousset, também se enquadravam numa perspectiva de esquerda, na medida em que, para além da dimensão higiénica que preconizavam, opunham-se à ideia de competição e, em consequência, à ideia de desporto defendida por Coubertin no Comité para a Propaganda dos Exercícios Físicos.

Portugal também foi vítima da perspectiva “suecofílica” de Tissié; não diretamente mas indiretamente, na medida em que ele foi o inspirador dos programas de educação física de 1932 (Decreto n.º 21:109) que proibiram a prática de desportos anglo-saxónicos nos estabelecimentos de ensino oficial. Mas os verdadeiros problemas já vinham do tempo da Sociedade Promotora da Educação Física Nacional que, ao abandonar os atletas portugueses que desejavam participar nos JO de Estocolmo, levou a que um conjunto de prosélitos do desporto, a 30 de abril de 1912, tivesse fundado o Comité Olímpico Português. A situação prolongou-se por todo o século passado e, agora, neste século com efeitos devastadores devido às lógicas comerciais da nova economia global está, perante a passividade dos responsáveis, a destruir, através de programas de EF desajustados, a prática da atividade física e o ensino do desporto no sistema educativo.

9. Pierre de Coubertin

²³ Cf. Thibault, Jacques (1968). *L'Oeuvre du Docteur Philippe Tissié dans l'Académie de Bordeaux*. Cf. *Éducation Physique et Sport*, n.º 95, Novembre, p. 7-12.

Pierre de Coubertin opunha-se à vulgaridade da EF igualitária e estandardizada defendida por Grousset. Na realidade, o Comité de Coubertin, liberal e individualista, era fundamentalmente composto por monárquicos, conservadores e eclesiásticos, portanto, apresentava uma composição de direita, enquanto a Liga de Grousset, igualitária e coletivista, apresentava uma sensibilidade de esquerda. A inimizade de Coubertin para com Grousset, à semelhança do que se passava em grande parte da sociedade francesa ainda lembrada dos tempos da Comuna, era enorme e definitiva. Em 1899, a propósito de um conjunto de artigos em que Grousset criticava o Comité de Coubertin, este publicou um artigo em que criticava a *Ligue Nationale de l'Éducation Physique* de Grousset. Dizia Coubertin:

Na sequência de uma série de artigos publicados nas colunas do Tempo, por M. Philippe Daryl (Paschal Grousset), esta Liga surgiu repentinamente numa apoteose de magia, preparada no subsolo, em agrupamento, ornamentada com a última moda, de porta aberta, a imensa máquina elevou-se gloriosamente com um vasto programa e numerosos membros honorários e ativos, deputados, atores, jornalistas e sapadores bombeiros!²⁴

E, com um discurso pouco claro devido à irritação que Grousset lhe provocava, Coubertin insistia nas contradições da Liga de Grousset:

A Liga propõe-se introduzir os exercícios físicos de uma vez em todos os graus de ensino, nas escolas primárias, nos liceus, nos colégios das comunas... por todos os lugares. (...) Ela organiza uma agitação em favor dos exercícios físicos, ela cria comissões, ela luta, ela vai para a guerra, ela tem reminiscências dos JO e visões de solenidades. (...) E então, ao mesmo tempo fala de defesa militar...²⁵

Grousset, nos tempos que antecederam a Comuna, pelos seus escritos provocadores, angariou muitas inimizades que teve de suportar já depois de regressar do degredo em 1880. Como se pode verificar numa carta datada de 4 de abril de 1890 endereçada a Tissié por Coubertin, este nutria por Grousset um enorme desprezo: “Monsieur Paschal Grousset qui est

²⁴ “A la suite d'une série d'articles publiés dans les colonnes du Temps, par M. Philippe Daryl (Paschal Grousset), cette Ligue a surgi soudain comme une apothéose de féerie, on la préparait dans le sous-sol, on la groupait, on l'ornait, on lui donnait le dernier coup de fion; puis la trappe a glissé et l'immense machine s'est élevée glorieusement avec son vaste programme et son nombreux personnel de membres honoraires et de membres actifs, députés, acteurs, journalistes, et sapeurs-pompiers!” Cf. Pierre de Coubertin (1986). *La Ligue Nationale de l'Éducation Physique. Textes Choisis, Tome I*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 111.

²⁵ “La Ligue se propose d'introduire les exercices physiques à la fois dans tous les ordres d'enseignement, dans les écoles primaires, dans les lycées, dans les collèges communaux ... partout. (...) elle organise une agitation en faveur de ces exercices, elle tend à créer des commissions locales, elle se démène, elle part en guerre, elle a des réminiscences des Jeux Olympiques et des visions de solennités... (...) Et puis en même temps on parle de la défense militaire...!” Cf. Pierre de Coubertin (1986). *La Ligue Nationale de l'Éducation Physique. Textes Choisis, Tome I*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 111. (In: *L'Éducation Anglaise en France*. Paris, Libr. Hachette, 1889, pp. 204-206, Appendice IV).

un homme que je méprise et avec lequel je ne veux point avoir de rapports”.²⁶ A *Ligue Nationale de l'Éducation Physique* de Grousset, nas palavras de Jean Durry, era uma *machine de guerre* contra o *Comité pour la Propagation des Exercices Physiques* de Coubertin.

Contudo, Coubertin via mais longe e primeiro que os seus contemporâneos. Por isso, como referimos, em 29 de novembro de 1890 promoveu a união entre o *Comité pour la Propagation des Exercices Physiques* por si fundado em 1 de junho de 1888 e a *Union des Sociétés Françaises de Course à Pied* fundada por Georges de Saint-Clair em 20 novembro de 1887, com o fim de fundar uma nova organização, a *Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques* (USFSA) que, com um estatuto de superestrutura do desporto francês, se expandiu por toda a França. Em 1900 a USFSA encarregou-se de organizar diversas competições respeitantes aos JO de Paris (1900).

133

10. Institucionalização do Movimento Olímpico Moderno

O Movimento Olímpico moderno, anunciado por Pierre de Coubertin em 1892 e desencadeado no Primeiro Congresso Olímpico realizado em 1894, é uma superestrutura ideológica que, no quadro do mundo moderno, à escala mundial, gere a dinâmica da competição organizada num grande festival realizado todos os quatro anos. Assim sendo, o COI é a superestrutura burocrática que tem por vocação defender valores relacionados com a dialética da competição naquilo que ela tem de melhor (gestão positiva) e de pior (gestão negativa) para o processo de desenvolvimento humano. Hoje, o Olimpismo é uma realidade antropológica com milhares de anos e o COI é o fiel depositário de um dos patrimónios mais preciosos da humanidade: o gosto pela competição justa, nobre e leal.

No seu atual posicionamento no quadro da ONU, é a instituição mais capaz de promover junto da população mundial uma estratégia de educação e cultura, com vista a desenvolver valores da competição que se projetem de uma forma justa e positiva na sociedade.

11. Da religião à transcendência competitiva

A busca da transcendência pela competição é a grande vocação da missão do Movimento Olímpico moderno que o COI deve transmitir para a sociedade e preservar para as novas gerações, através do ensino e da gestão, uma cultura competitiva nobre, justa e leal que se expressa nos grandes festivais olímpicos realizados de quatro em quatro anos. Coubertin demonstrava este sentimento ecuménico quando dizia que o Olimpismo era uma religião. Para ele o Olimpismo era uma superestrutura religiosa com:

- Uma doutrina;
- Dogmas (os princípios e os valores do Olimpismo);
- Um culto, o da competição em busca da excelência;
- Uma igreja, o COI, desde 1913 com sede em Lausanne.²⁷

²⁶ Cf. Durry, Jean (1997). *Tissié et Coubertin*. Comité International Pierre de Coubertin. 17-20 Septembre, p. 77. <<http://www.coubertin.ch/pdf/PDF-Dateien/114-Durry.pdf>> (Consultado em 02-05-2008)

²⁷ Cf. Coubertin, Pierre (1922). *Mémoires Olympiques*. Paris, Editions Revue “EPS”, p. 102.

Estes aspetos são enquadrados por um processo de aculturação de geração em geração que, nas mais diversas culturas, se expressa no respeito pelos princípios, valores e normas institucionalizadas que, para além do género, da raça, do credo ou da classe social, se desmultiplicam em inúmeras atividades de carácter desportivo nos mais recônditos pontos do Planeta, envolvendo, todos os dias, muitos milhões de pessoas.

Assim sendo, o Olimpismo enquanto jogo é luta, é competição e é estratégia que visa a busca da excelência, quer dizer, da *areté* dos gregos antigos. A busca da excelência dos resultados, desde os terrenos de jogo até à eficiência da sua estrutura organizacional, projeta-se, de dois em dois anos, na sociedade a uma escala global através da realização dos Jogos da Olimpíada e dos JO de Inverno. Em cada edição dos Jogos da Olimpíada, participam mais de duzentos países, dez mil atletas, milhares de técnicos e dirigentes, para além de, diretamente, centenas de milhares de espetadores e, indiretamente, através da comunicação social, centenas de milhões.

12. Os suecofílicos

O combate seguinte de Coubertin já estava em marcha: era a organização dos JO de Paris. O combate seguinte de Tissié era o do sistema sueco. Esta via natural de Tissié parece não ter surpreendido Coubertin. Na realidade, quando em 1907 Coubertin publicou o livro *Une Campagne de Vingt-et-un Ans (1887-1908)*, a propósito dos jogos escolares de Bordéus, escreveu: “je me suis souvent disputé avec Tissié dont les idées par trop suédophiles ne cadraient pas avec les miennes”.²⁸ A questão dos “suecofílicos” havia de continuar a perturbar o natural desenvolvimento do Movimento Olímpico. No Congresso Internacional de Desporto e Educação Física que Coubertin organizou em Bruxelas em 1905, no meio das disputas entre os “suecofílicos” e os “suecofóbicos”, teve a oportunidade de esclarecer que:

Não é só entre tal e tal sistema de ginástica, mas entre todas as formas de ginástica e jogos livres que persiste um furioso mal-entendido, e ele (Coubertin) preconiza um ‘inteligente ecletismo’ e o casamento da ginástica com os jogos. Se é verdade que a educação física é indispensável para o atleta, o desporto pode dar à educação física alguns dos seus aspetos fundamentais: o natural, a adaptação a situações específicas, o confronto. A ideia que surgiu em 1891, quando ele (Coubertin) falava de atletismo utilitário, tomou gradualmente forma ao ponto de detalhar uma educação física desportiva a que chamou de ‘ginástica utilitária’.²⁹

Portanto, parece-nos claro que o movimento desencadeado por Coubertin não só ultrapassou o movimento da EF, como estabeleceu com ela uma rutura. Esta rutura aconteceu também em vários países da Europa, entre os quais Portugal.³⁰

²⁸ Cf. Coubertin, Pierre (1986). *Une Campagne de Vingt-et-un Ans*. In: *Textes Choisis, Tome II*, Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 93. (In: *Cosmopolis*, 2^e année, pp. 146-159).

²⁹ Eyquem, Marie-Térèse (1966). *Pierre de Coubertin: L'Épopée Olympique*. France, Lévy Calmann, p. 114.

³⁰ Sobre esta problemática, ver: Pires, Gustavo (2012). *Francisco Lázaro – o Homem da Maratona*. Lisboa, Prime Books.

13. Jogada estratégica/nacional chauvinismo

O nacional-chauvinismo que percorria a Europa em final do século XIX e início do século XX, ao qual os sistemas de EF, por vocação própria, tinham aderido, foi uma excelente oportunidade para Coubertin provocar uma rutura relativamente à EF, através da assunção dos verdadeiros valores do desporto que advinham da competição, a qual, em nome da Paz Olímpica, devia ser organizada à escala do Planeta.

E, como Coubertin via mais longe e primeiro que os seus contemporâneos, não perdeu tempo para promover uma aliança do *Comité pour la Propagation des Exercices Physiques* (também conhecido como Comité Jules Simon), por si fundado em conjunto com Henri Didon e Jules Simon (1814-1896) em 1 de junho de 1888, com a *Union des Sociétés Françaises de Course a Pied* fundada por Georges Saint-Clair a 20 dezembro de 1887 a fim de, a 3 de fevereiro de 1890, fundar a *Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques* (USFSA). Depois, a partir de 1890, Jules Simon passou a ser presidente honorário da USFSA, Saint-Clair Presidente em Exercício, e Pierre de Coubertin Secretário-geral. Com esta jogada estratégica, Coubertin abriu caminho para a fundação, em 1894, do *Comité International des Jeux Olympiques*.

Ao tempo, a generalidade dos Estados procurava garantir o apoio dos seus cidadãos através da exaltação de um sentimento nacionalista alimentado pela criação de mitos nacionais acerca da origem das nações. Em princípio, a EF era um instrumento para cumprir aquele desiderato. No entanto, a ideia ecuménica de Coubertin ia num sentido completamente diferente, pelo que aproveitou para criar uma rutura definitiva com o passado a fim de, conjuntamente com várias figuras proeminentes de diferentes nacionalidades, avançar para a constituição de uma nova organização, o *Comité International des Jeux Olympiques*. Não porque tenha aderido ao movimento chauvinista que havia de conduzir a Europa à primeira guerra mundial, mas precisamente por não aderir, porque ele queria fazer transitar para os campos de jogos as disputas dos campos de batalha.³¹ Por isso, a primeira designação do COI foi a de Comité Internacional dos Jogos Olímpicos que, como o próprio nome indica, assumia a uma escala mundial as virtualidades da competição desportiva estandardizada através das regras provenientes das Federações Internacionais que entretanto começaram a surgir.

14. A Educação Física contra o desporto

A animosidade dos prosélitos da EF contra o desporto já vinha de longe, pelo que a rutura protagonizada por Coubertin constituiu tão-só mais um capítulo num processo que ainda hoje não está concluído. Esta questão ficou conhecida como a “guerra dos métodos”. Contudo, Hébert enganou-se quando intitulou o seu livro de *Le Sport Contre l'Éducation Physique* porque o que sempre esteve em causa foi a EF, que se arvorava de uma superioridade moral e intelectual, combater o desporto. E hoje, prossegue nos mais diversos países do mundo, pelo que a questão continua por resolver, muito embora já seja possível

³¹ Este objetivo de Coubertin, porventura o mais importante na filosofia do Olimpismo, só viria a acontecer a partir dos anos cinquenta quando, em 1952, a União Soviética, que tinha aderido ao MO internacional no ano anterior, participou, pela primeira vez, nos Jogos Olímpicos da era moderna, Helsinquia (1952).

tirarem-se algumas conclusões acerca do quadro ideológico da EF enquanto macroconceito ultrapassado, uma vez que, se do ponto de vista corporativo ainda pode ter alguma aceitação, do ponto de vista epistemológico e social, nos tempos que correm, não tem qualquer sentido.

A sua origem já vem de finais do século XIX quando, no Congresso Olímpico do Havre, realizado em 1897, aconteceu uma rutura praticamente definitiva entre Coubertin e Philipe Tissié (1852-1935) que sobre as atividades desportivas tinham posições diferentes.

15. Mudança de paradigma

A originalidade de Coubertin foi ter percebido a necessidade de provocar no mundo das atividades físicas de carácter recreativo uma mudança de paradigma, introduzindo-lhes uma dimensão institucionalizada de competição. Desde logo porque ele considerava as lutas pacíficas e cortesias “o melhor dos internacionalismos”³². Ele percebeu que o futuro não estava nem na EF nem nos *Lendits* enquanto feiras de atividades físicas recreativas e competitivas organizadas entre outros locais nos estabelecimentos escolares com os quais Coubertin não estava de acordo. Coubertin estava interessado num desporto sério e não recreativo realizado à escala global entre nações que, assim, à semelhança dos gregos antigos, podiam transferir para os campos de jogos as disputas que até então se travavam nos campos de batalha. Portanto, a sua visão rompia com a visão paroquial que tanto Grousset como Tissié imprimiam às suas organizações. Por isso, no sentido de ultrapassar aquela dimensão paroquial, Coubertin aproveitou a oportunidade surgida com a vaga chauvinista que cruzou a Europa em final do século XIX e início do século XX para provocar a rutura com a velha EF chauvinista, recreativa e contra a competição formal a fim de institucionalizar um modelo de organização competitiva à escala mundial. A este propósito, são oportunas as palavras de Marcia De Franceschi Neto-Wacker quando, relativamente ao objeto da educação olímpica, esclarece:

Outra confusão que muitas vezes está presente nas discussões é a associação entre Educação Olímpica e Educação Física Escolar. A Educação Olímpica está associada à prática do esporte baseada nos princípios do Olimpismo, enquanto a Educação Física pode trabalhar com o esporte, mas não está necessariamente conectada com o mesmo.³³

Portanto, mesmo em termos educativos, na linha de Thomas Arnold, o modelo olímpico de Coubertin nada tem a ver com a EF. A própria expressão de “educação física” praticamente não faz parte do léxico de Coubertin. Assim sendo, temos de apoiar a posição de

³² A visão internacionalista foi-a Pierre de Coubertin buscar aos Jogos Olímpicos de Shropshire, organizados pela primeira vez em 1859, através da *Wenlock Olympian Society* com empenho do seu mentor, o Dr. William Penny Brookes (1809-1895) que, ao tempo, já mantinha relações com o grego Evangelis Zappas (1800-1865), a quem enviou a quantia de 10£ a fim de ser entregue ao vencedor de uma das provas dos Jogos Olímpicos, que Zappas organizou, pela primeira vez em 1859, na cidade de Atenas. O prémio foi atribuído ao vencedor da “corrida longa”.

³³ Neto-Wacker, Marcia De Franceschi (2009). Educação Olímpica, Olimpismo e Eurytmia. In: *Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil*. Brasil, Universidade Federal do Rio grande do Sul, UFRCS editora (pp. 29-40), p. 33.

Marcia De Franceschi quando ela defende que existe uma nítida separação de princípios, substância e objetivos, dizemos nós, entre a educação olímpica e a EF.

16. A ginástica utilitária

Apesar de tudo, Coubertin sabia que não podia abandonar definitivamente a EF nas suas mais diversas expressões que aconteciam através de várias escolas de ginástica. Então, ensaiou uma manobra de envolvimento com aquilo que designou de “ginástica utilitária” ou de “atletismo utilitário”. A este respeito, numa espécie de visão de uma “guerra entre a educação física e o desporto”, Coubertin travou uma disputa com Georges Hébert, a quem acusou de o ter plagiado, na medida em que Hébert não o citou no seu trabalho *L'Éducation Physique ou L'entraînement Complet par la Méthode Naturelle*. De facto, enquanto a ginástica utilitária de Coubertin datava de 1905, a obra de Hébert era de 1906. Contudo, Hébert limitou-se a responder que em 1906 ignorava completamente a existência de Coubertin. Esta desculpa não pode, de maneira nenhuma, ter satisfeito Coubertin, na medida em que ele e o seu trabalho já eram perfeitamente conhecidos não só no meio da EF como no do desporto, pelo que, como refere Marie-Thérèse Eyquem (1966), o facto de Hébert dizer que em 1906 ignorava Coubertin era “não só inexplicável como aflitivo”.

137

17. A competição no centro da ideia pedagógica

Para Coubertin, a competição era uma questão fundamental que ele, a fim de anular os críticos, numa estratégia de envolvimento, superou com a “ginástica utilitária”, enquanto antecâmara pedagógica e higiénica e condição necessária para aqueles que desejavam entregar-se ao desporto. Somos levados a acreditar que, muito embora Coubertin acreditasse na sua “ginástica utilitária”, ele sabia que ela não passava de uma medida expedita para ultrapassar os exageros das opiniões anti-competição dos fundamentalistas da EF e do método sueco que ele procurava superar através de um sistema em que a competição estivesse integrada no centro da questão pedagógica. Quer dizer que, se em termos pedagógicos a perspetiva de Coubertin teve alguma originalidade, foi a de considerar a competição como um instrumento de alcance pedagógico de extraordinária importância. Claro que tal visão, ao tempo, não podia ser anunciada de uma forma clara, pelo que Coubertin teve o cuidado de a dissimular nos grandes objetivos do primeiro Congresso Olímpico de 1894.

18. Société des Sports Populaires

A este respeito, já em 1902 Coubertin tinha engendrado uma nova fórmula de EF, que designou de “ginástica utilitária”. Para o efeito, até fundou a *Société de Gymnastique Utilitaire*. Ao fazê-lo, pretendeu contribuir ainda mais para uma rutura de paradigma fundamentada nas virtualidades de um equilíbrio dinâmico, simbolizado no *citius, fortius, altius*, uma vez que integrava um espírito competitivo nas mais diversas atividades utilitárias. A Ginástica Utilitária era constituída pelas seguintes atividades: defesa pessoal (ataque e defesa, luta, boxe, florete, espada e pau); salvamento (em terra: saltos, escalada, lançamentos; no mar: natação); e locomoção (marcha, equitação, bicicleta, remo, vela e esqui). E, na linha de pensamento da época, defendia que só depois destas aprendizagens de base, cada modalidade desportiva, com eficácia e rigor, podia cumprir os “movimentos essenciais que constituem como que o alfabeto e a chave fisiológica”. Quer dizer, tal como os Gregos, Coubertin pretendeu organizar os JO através da generalização de atividades a montante que

designou de “ginástica utilitária” onde a competição mais ou menos formalizada fazia parte do jogo.

Depois, em 1905, a *Société de Gymnastique Utilitaire* alterou a designação para *Société des Sports Populaires*.³⁴

19. A dinâmica da competição e Pierre de Coubertin

Da Grécia Antiga até aos nossos dias a visão do corpo sempre ocorreu por motivos políticos, económicos, sociais ou religiosos naturalmente determinados pelas classes detentoras do poder. Em conformidade, ao longo da História da humanidade foram vários os papéis exercidos pelo corpo na sociedade.

A pergunta que se faz é a que procura saber porque é que, após os cuidados do corpo, o cultivo dos exercícios físicos e a cultura de competição das civilizações gregas e romanas, na idade média os exercícios do corpo foram reduzidos exclusivamente aos torneios e às justas dos cavaleiros feudais.

Não existe consenso relativamente ao término oficial dos JO na civilização romana. A primeira hipótese diz-nos que foi em 393 d.C., quando o imperador Teodósio I determinou o fim de todas as práticas e cultos pagãos. A segunda hipótese diz-nos que foi em 426 d.C., ao tempo de Teodósio II, quando este mandou destruir os templos gregos.³⁵ O que é facto é que, devido à memória cristã que associava a EF aos circos romanos em que os cristãos eram sacrificados às feras, aquela passou a ser condenada durante um período de tempo que vai do século VI ao século XIV em que, por questões de saúde, a lógica da higiene do corpo foi substituída pela higiene da alma por motivos de salvação eterna. Em consequência, as práticas atléticas da antiguidade grega acabaram por desaparecer durante a Idade Média.

Entretanto, a partir de finais do século XIV, com o Renascimento³⁶ deu-se uma mudança social, económica e política na maneira como as pessoas pensavam e agiam politicamente. Então, o corpo passou a ter um tratamento mais humanista do que o que tinha tido por parte da Igreja na Idade Média.

A partir do século XVII, com os novos conhecimentos proporcionados pela ciência, aconteceu uma significativa mudança de paradigma através da construção de uma nova atitude relativamente ao corpo, que passou a ser considerado como uma máquina constituída por várias engrenagens de que era necessário cuidar. Muito embora Michel Foucault, na *Microfísica do Poder*, nos fale de um livro de 1762 e do seu autor Ballesxert, *Dissertation sur L'éducation Physique des Enfants*, na realidade, é com Descartes e o seu dualismo cartesiano consubstanciado no *ego sum res cogitans* que nasce a EF.³⁷ Nesta perspetiva, para Manuel Sérgio, muito embora a expressão EF tenha nascido na Idade Moderna como um dos produtos

³⁴ Cf. Durry, Jean (1997). *Le Vrai Pierre de Coubertin*. Paris, Comité Français Pierre de Coubertin, p. 13.

³⁵ Cf. Crowther, Nigel B. (2007). *Sport in Ancient Times*. Westport, CT, Praeger Publishers, p. 54.

³⁶ Período da História da Europa entre, aproximadamente, finais do século XIV e meados do século XVI.

³⁷ Sérgio, Manuel (2005). *Para um Novo Paradigma do Saber e... do Ser*. Coimbra, Ariadne, pp. 72-73.

do dualismo antropológico racionalista, o que é facto é que se deve à *res extensa*, quer dizer, à “substância corpórea” na expressão de René Descartes (1596-1650), o objeto primeiro da EF.

Com o advento da idade moderna, a expressão de Juvenal viria a surgir novamente numa espécie de galenismo recuperado pela ginástica médica quando, em 1567, Mercurialis (1530-1606) publicou o livro *De Arte Gymnastica* de acordo com os ensinamentos da ginástica de Hipócrates (460-377 a.C.) e Galeno (129-217). Depois com Descartes (1596-1650) e John Locke (1632-1704), entre outros, o corpo passou a ser uma simples máquina que funcionava a partir dos seus órgãos, tal como o mecanismo de um relógio. Para eles, a alma conduzia o corpo da mesma maneira que um piloto conduzia o seu navio. E neste dualismo em que a alma superava o corpo, porque a Igreja já se encarregava da alma, era necessário encontrar quem se encarregasse do corpo. Então surgiram na Europa várias correntes de EF em que, entre outros, se destacavam nomes como os de Friedrich Ludwig Christoph Jahn (1778-1852), Per-Henrik Ling (1776-1839) e Francisco Amoros (1767-1848) que lideravam as grandes “escolas” de EF por toda a Europa. A este respeito, como refere Manuel Sérgio³⁸, os rapazes que cultivassem EF: “deveriam apresentar-se possantes, de tórax e braços musculosos, que o esforço entumescia e avermelhava”. Porém, as qualidades físicas não passavam de instrumento ao serviço dos imperativos categóricos da razão. E o dualismo antropológico torna-se mais uma vez evidente através da máxima de Juvenal da “mente sã em corpo sã”.

Coubertin era sobretudo um homem do seu tempo e, como tal, tinha uma visão cartesiana avançada do homem. Para ele, a unidade do corpo e da mente só podia ser realizada em simbiose ou síntese, que é o propósito do Olimpismo. E dizia que, para que o desporto se torne no adjuvante imediato da moral enquanto expressão do espírito, devia tornar-se no seu adjuvante direto.³⁹ Em conformidade, de acordo com a cultura da época na generalidade dos países europeus sujeitos ao dualismo cartesiano, para Coubertin, o desporto, tal como a EF, era um instrumento de regeneração da raça humana e, muito provavelmente influenciado por Nietzsche, queria construir um homem novo ou até mesmo um superatleta capaz de se superar a si mesmo. E, em 1912, certamente entusiasmado com o extraordinário êxito dos JO de Estocolmo, sobre a eugenia escreveu:

A verdade é que a eugenia não pode ser decretada, mas ela pode estabelecer o seu reino nas consciências individuais e é igualmente bem claro que as preocupações eugénicas correspondem a uma corrente nova que vai influenciar enormemente a mentalidade dos povos ocidentais. Isto está muito longe de ser um mal. É um bem. É mesmo necessário ver nisso um reforço precioso que recebe a moral na medida em que circunstâncias múltiplas parecem tender ao seu abrandamento e ao seu enfraquecimento crescente. O homem habituar-se-á gradualmente a que os concorrentes internacionais lhe ordenem para não deixar a sua própria nacionalidade

³⁸ Sérgio, Manuel (2009). Cristiano Ronaldo ou as Lições do Futebol. In: *A Página*, Série II, n.º 186, outubro, p. 81.

³⁹ “... devienne son adjuvant direct, il faut qu'on lui assigne un but réfléchi de solidarité qui l'élève au-dessus de lui-même. C'est là une condition sine qua non de collaboration entre le sport et la morale.” Cf. Coubertin, Pierre (1913). *Essais de Psychologie Sportive*. Lausanne/Paris, Libr. Payot, pp. 129-137.

dobrar-se em número e em qualidade diante das outras e ao mesmo tempo que as condições bem rudes do ‘struggle for life’ lhe comandam para colocar no mundo seres tão fortemente constituídos quanto possível.⁴⁰

Esta visão de Coubertin, muito anterior ao nazismo, acima de quaisquer dúvidas colocava o desporto e o MO ao serviço da construção de um homem novo reforçado sob o ponto de vista moral. E, para tal, admitia como perfeitamente legítimo que, no domínio da “luta pela vida”, o desporto pudesse surgir como uma espécie de instrumento de eugenia individual em função da dignidade nacional, pelo que a verdadeira questão que afastava Coubertin dos prosélitos da EF era a problemática da dinâmica de competição inexistente nos modelos de ginástica do século XIX.

20. O higiénico-sanitarista do *mens sana in corpore sano*

O mundo do desporto, com as suas reminiscências, sempre foi um espaço onde as divisas e tudo aquilo que elas simbolizam orientaram a vida das organizações e das pessoas. Muito provavelmente, a divisa mais famosa e, sobretudo, mais antiga do mundo do desporto é a higiénico-sanitarista *mens sana in corpore sano*. Ela decorre de um verso do poeta romano Juvenal (55/60-127), que aconselhava os concidadãos, nas suas orações, a pedirem aos deuses uma mente sã num corpo são. Juvenal criticava os homens porque eles só rezavam aos deuses para lhes pedirem poder, fama, boa aparência e longevidade. E perguntava: O que deviam os homens, quando rezavam, pedir aos deuses? E respondia: Os homens, nas suas rezas aos deuses, deviam pedir-lhes uma mente sã num corpo são: “orandum est ut sit mens sana in corpore sano”.

Hoje, o *mens sana in corpore sano* é o aforismo mais famoso, não só da história da EF como do próprio desporto moderno, muito embora nada tenha a ver com o desporto. O que aconteceu, como refere Coubertin, é que o aforismo *mens sana in corpore sano* se transformou numa figura de estilo que qualquer orador obrigatoriamente citava, sem perceber as verdadeiras implicações daquilo que estava a dizer. Quer dizer, a frase passou a ser papagueada por tudo e por nada, pelo que os seus autores acabavam até por cair em situações profundamente ridículas e Coubertin foi o primeiro a constatar-lo. Ele arguia que o aforismo era demasiado brando e completamente desajustado à vocação do desporto e do MO, pelo que até afirmava que “devia ser enviado para o ‘museu das antiguidades’”. Era, argumentava

⁴⁰ “La vérité est que l'eugénie ne peut pas être décrétée mais qu'elle peut établir son règne dans les consciences individuelles et il est très clair également que les préoccupations eugéniques répondent à un courant nouveau qui va grandement influer sur la mentalité des peuples occidentaux. Ceci est très loin d'être un mal. C'est un bien. Il faut même voir là un renfort précieux que reçoit la morale alors que des circonstances multiples semblaient tendre à son ébranlement et à son affaiblissement croissants. L'homme s'habitua peu à peu à l'idée que les concurrences internationales lui commandent de ne pas laisser sa propre nationalité fléchir en nombre et en qualité devant les autres et qu'en même temps les conditions assez rudes du struggle for life lui commandent de mettre au monde et d'élever des êtres aussi fortement constitués que possible.” Cf. Coubertin, Pierre (1912). *L'Eugénie. Textes Choisis Tome I*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 601. (In: *Revue Olympique*, nov. 1912, pp. 163-166).

ainda, “uma perspectiva demasiado médica para ser proposta aos desportistas”, quer dizer, era “uma máxima excelentemente higiénica mas nulamente atlética”.⁴¹

Pierre de Coubertin atribuía a inclusão da frase *mens sana in corpore sano* ao clérigo Charles Kingsley, líder do movimento *Muscular Christianity*, que defendia a prática desportiva desde que esta fosse consagrada à glória de Deus, ultrapassando, deste modo, todas as dificuldades que por motivos religiosos eram colocadas às práticas recreativas pela igreja desde a idade média.

Admite-se também que a máxima possa ter servido ao movimento desencadeado por Thomas Arnold quando, em 1828, assumiu o cargo de diretor do colégio de Rugby, na medida em que ele encontrou a escola num estado lastimoso de desagregação moral, onde, como refere Jaques Ulmann⁴², reinava a “tirania do mais forte”. Contudo, Arnold não enveredou pelos modelos estandardizados de ordem unida e de disciplina militar dos sistemas de EF; antes pelo contrário, organizou um sistema de autogoverno dos alunos em que estes assumiam a disciplina graças aos valores da competição desportiva, como o próprio Coubertin teve a oportunidade de exprimir nas suas *Leçons de Pédagogie Sportive*, livro publicado em 1921.

21. *Citius, altius, fortius*

A máxima *citius, fortius, altius* está impressa no frontispício da publicação da primeira edição número 1 do *Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques* referente ao Congresso da fundação do COI em 1894. O *Bulletin* também informa que o congressista Michel Bréal⁴³ concluiu o seu discurso com a frase de Didon *citius, fortius, altius*. Para Coubertin, o equilíbrio do homem só era conseguido a partir da oposição dos excessos, na medida em que “só se realiza o suficiente quando se procura o muito”.

Durante o primeiro Congresso Olímpico, a questão da organização de uma competição desportiva a uma escala mundial não era a preocupação fundamental dos congressistas. O grande objetivo que os animava era a luta contra o profissionalismo em defesa do “caráter nobre e cavalheiresco do desporto”. Na realidade, as questões relativas à elegibilidade dos atletas ocuparam a maior parte do tempo do congresso.

Mas como Coubertin era um estratega do *soft power*, sabia que as pessoas falam muito em mudar para, depois, quando se trata de realmente mudar, mudarem o menos possível. Por isso, não era fácil mudar o *mens sana...* de Juvenal para o *citius, altius, fortius*.⁴⁴ Em

⁴¹ “Le mens sana in corpore sano est excellemment hygiénique et nullement athlétique.” Cf. *Revue Olympique*, n.º 67, 1911, p. 99-100.

⁴² Ulmann, Jaques (1989). *De la Gymnastique aux Sport Modernes – Histoire des Doctrines de L'Éducation Physique*. Paris, Vrin, p. 326.

⁴³ Segundo Norbert Müller, a prova da maratona foi incluída no programa dos Jogos da primeira Olimpíada da era moderna devido a Michel Bréal, que convenceu Coubertin da importância de tal prova. Cf. Norbert Müller (2008). Michel Bréal (1832-1915) – The Man Behind the Idea of the Marathon. In: *Ninth International Symposium for Olympic Research*. Beijing, Capital University of Physical Education, pp. 63-71. <http://library.la84.org/SportsLibrary/ISOR/isor2008i.pdf> (consultado em 29-09-2010)

⁴⁴ Cf. Young, David (1985). *Coubertin and the Olympic Logo, Proceedings of the XIth HISPA International Congress* (J. A. Mangan, ed.). Jordan Hill College, Glasgow, Scotland, 1985, pp. 326-327.

conformidade, procurou que a mudança passasse por parecer uma simples melhoria do passado, pelo que tentou fazer com que a nova máxima parecesse tão-só uma simples versão moderna da antiga divisa.

Contudo, o Congresso também tinha entre os seus objetivos tratar da instituição de “lutas pacíficas e cortesias” enquanto o “melhor dos internacionalismos”. Ora esta ideia de Coubertin deu abertura à institucionalização dos próprios JO que a convocatória do Congresso nunca esclareceu com clareza. Por isso, o resultado do Congresso foi um enorme êxito para Coubertin. Repare-se nas conclusões relativas à comissão instituída para tratar dos JO:

No que concerne aos Jogos Olímpicos, foi decidido por unanimidade os seguintes votos. A comissão reservou a questão de saber onde seriam realizados os Jogos Olímpicos, em 1896. Depois de um discurso do Sr. Bikelas, vivamente apoiado por Sloane, Gondinet, de Coubertin e de Villers, o Congresso decidiu que os Jogos teriam lugar em Atenas. Esta decisão foi tomada por aclamação e saudada por calorosos aplausos.

VIII. Que nenhuma dúvida possa existir sobre as vantagens que representa o restabelecimento dos Jogos Olímpicos, tanto do ponto de vista atlético quanto do ponto de vista moral e internacional, estes Jogos são restabelecidos sobre bases e nas condições conforme as necessidades da vida moderna.

IX. Que, salvo no que concerne à esgrima, serão organizados concursos olímpicos somente para amadores.

X. Que o Comité Internacional encarregue de organizar os Jogos Olímpicos introduza no seu regulamento uma cláusula que permitirá excluir dos concursos todas as pessoas que, pelos seus atos anteriores, possam minar a consideração da instituição.

XI. Que nenhum país tem o direito de se fazer representar nos Jogos Olímpicos senão pelos seus cidadãos e que, em cada país, se proceda antes da época dos Jogos a provas eliminatórias de maneira a não designar, para participarem, senão verdadeiros campeões, em cada género de desporto.

XII. Que os seguintes desportos sejam, tanto quanto possível, representados nos Jogos Olímpicos.

Desportos Atléticos propriamente ditos (corridas e concursos).

Desportos Náuticos (corridas de remo e vela, natação).

Jogos Atléticos (futebol, *lawn-tennis*, *Paume*, etc.).

Patinagem.

Esgrima, boxe, luta.

Desportos hípicas, polo.

Tiro e ginástica.

Velocipedia.

No que concerne os Desportos Atléticos propriamente ditos, será instituído um campeonato geral de atletismo sob o nome de pentatlo.

Que, na ocasião dos Jogos Olímpicos, um prémio de alpinismo seja atribuído à subida mais interessante relativamente a um qualquer ponto do globo, depois do último concurso.

XIII. Que os Jogos Olímpicos tenham lugar pela primeira vez em Atenas, em 1896, e pela segunda vez em Paris, em 1900, e de seguida, de quatro em quatro anos, noutras cidades do mundo.

XIV. Que os Jogos Olímpicos não podem ter êxito senão com o apoio dos governos, e o Comité Internacional deve tomar todas as medidas necessárias junto dos poderes públicos a fim de assegurar que o seu concurso seja oficial.⁴⁵

Esta foi certamente uma extraordinária vitória de Coubertin. Em primeiro lugar porque conseguiu colocar os JO na agenda do Congresso. Depois, porque conseguiu que uma comissão debatesse as condições de realização dos JO. Em terceiro lugar, porque ficaram marcados os locais para a realização das duas primeiras edições dos JO. Finalmente, porque introduziu um discurso novo em que as questões competitivas começaram a ser tratadas de uma forma clara e aberta como até então não tinha sido possível.

22. O momento de rutura de Coubertin

⁴⁵ “En ce qui concerne les Jeux Olympiques, les vœux suivants ont été émis à l'unanimité. La commission avait réservé la question de savoir où auraient lieu les premiers Jeux Olympiques, en 1896. Après un discours de M. Bikélas, vivement appuyé par MM. Sloane, Gondinet; de Coubertin et de Villers, le Congrès a décidé que les Jeux auraient lieu à Athènes. Cette décision a été prise par acclamation et saluée par de chaleureux applaudissements.

VIII. Que nul doute ne pouvant exister sur les avantages que présente le rétablissement des Jeux Olympiques tant au point de vue de l'athlétisme qu'au point de vue moral et international, ces jeux soient rétablis sur des bases et dans des conditions conformes aux nécessités de la vie moderne.

IX. Que, sauf en ce qui concerne l'escrime, il ne soit organisé de concours olympiques que pour les amateurs. X. Que le Comité international chargé de l'organisation des Jeux Olympiques introduise dans son règlement une clause lui donnant le droit d'exclure du concours toute personne qui, par ses actes antérieurs, pourrait porter atteinte à la considération de l'institution.

XI. Que nul pays n'ait le droit de se faire représenter aux Jeux Olympiques par d'autres que par ses nationaux et que, dans chaque pays, il soit procédé avant l'époque des jeux à des épreuves éliminatoires de nature à ne désigner, pour y prendre part, que de véritables champions, dans chaque genre de sport.

XII. Que les Sports suivants soient, autant que possible, représentés aux Jeux Olympiques.

Sports Athlétiques proprement dits (courses et concours).

Sports Nautiques (courses à l'aviron et à la voile natation).

Jeux Athlétiques (Football, Lawn-tennis, Paume, etc.)

Patinage.

Escrime, Boxe, Lutte.

Sports hippiques, Polo.

Tir et Gymnastique.

Vélocipédie.

Qu'en ce qui concerne les Sports Athlétiques proprement dits, il soit institué un Championnat général d'athlétisme sous le nom de ‘Pentathle’.

Qu'en outre, à l'occasion des Jeux Olympiques, un prix d'alpinisme soit attribué à l'ascension la plus intéressante accomplie sur un point quelconque du globe, depuis le dernier concours.

XIII. Que les Jeux Olympiques aient lieu la première fois à Athènes, en 1896, et pour la seconde fois à Paris, en 1900, et ensuite de quatre ans en quatre ans, dans d'autres villes du monde.

XIV. Que, les Jeux Olympiques ne pouvant réussir qu'avec l'appui des gouvernements, le Comité international fasse toutes les démarches nécessaires auprès des pouvoirs publics afin de s'assurer leur concours officiel.” In: *Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques*, Juillet, 1894.

A partir de princípios do século XX Coubertin deixou-se dos cuidados que tinha tido até então, para de uma forma clara e aberta começar a considerar o aforismo *mens sana in corpore sano* como uma questão ridícula, uma vez que a máxima passou, sem qualquer sentido, a fazer parte de todo e qualquer discurso de circunstância. Dizia ele: “tornou-se comum referir o *mens sana in corpore sano* sempre que um humanista é colocado perante a aventura de ter de discursar sobre uma atividade muscular à qual é totalmente estranho.”⁴⁶

Esta perspetiva também é confirmada por Dikaia Chatziefstathiou⁴⁷ quando afirma que Coubertin, depois dos problemas acontecidos nos JO de Londres (1908) entre ingleses e americanos a propósito das bandeiras, pretendia assegurar que os Jogos Olímpicos de Estocolmo decorressem sob o signo do *joyous overflow of manly vigour*. De facto, ele estava muito mais interessado no *citius, altius, fortius*, quer dizer, no espírito competitivo dos JO e não no sistema sueco de ginástica da saúde e do equilíbrio de forças, que já mostrava as suas intenções ao tempo das disputas com Grousset e Tissié, bem como no novo século com os suecos a, unilateralmente, abolirem o boxe do Programa Olímpico, conforme se constata pelas explicações que o Coronel Balck⁴⁸ deu a Courcy-Laffan relativamente à exclusão da modalidade por parte do Comité Olímpico Sueco.⁴⁹

O problema é que a questão desportiva ainda não era bem clara no espírito das pessoas. Em conformidade, o velho *mens sana...* continuava a imperar no mundo do Olimpismo, muito embora Coubertin só o tenha utilizado para o criticar. Então, com aquela capacidade de ver mais longe e primeiro do que os outros, fez publicar no número 67 da *Revue Jeux Olympiques* saído em julho de 1911 um texto intitulado “mens fervida in corpore lacertoso” que estabelecia uma rutura com a velha máxima de Juvenal, adotada pelos arautos da EF higienista e da supremacia da raça.

Coubertin considerava que o *mens sana...*, de tanto ter sido utilizado em tudo quanto era discurso de gente perfeitamente ignorante, se transformou numa expressão ridícula sem qualquer significado para o desporto. Para ele, era uma expressão do foro médico, demasiado higiénica e pouco desportiva, pelo que até procurou arranjar-lhe um substituto lançando uma nova máxima a fim de contrariar as ideias higienistas dos suecos, bem como o desejo de imporem o seu método ao Movimento Olímpico. E, ao fazê-lo, assumia uma rutura com o *mens sana in corpore sano* para abraçar uma nova divisa com uma compleição, dizia ele, eminentemente desportiva: *mens fervida in corpore lacertoso*, quer dizer, “um espírito ardente num corpo treinado”. Ao fazê-lo optou, decididamente, pela ideia de que o caminho livre, criativo e popular que o desporto havia de trilhar nada teria a ver com o caminho fechado,

⁴⁶ “Ce lieu commun est devenu le pendant du commentaire sur le fameux ‘mens sana in corpore sano’ auquel ne manquent pas de recourir les humanistes lorsqu’une fâcheuse aventure les oblige de louer l’activité musculaire à laquelle ils sont demeurés bien souvent, hélas ! totalement étrangers”. Cf. Coubertin, Pierre (1986). Textes Choisis. Tome II. Zurich, Hildesheim, New York, Weidmann. Cordinateur de l’édition et directeur de recherche: Norbert Müller. p. 700. (In: *Revue Olympique*, août 1910, pp. 115-118).

⁴⁷ Cf. Dikaia, Chatziefstthiou (2005). *The Changing Nature of the Ideology of Olympism in the Modern Olympic Era*. Tese de Doutoramento. United Kingdom: Loughborough University.

⁴⁸ Note-se que o Coronel Balck foi um dos colaboradores de Tissié no livro *L’Éducation Physique au Point de Vue Historique, Scientifique, Technique, Critique, Pratique & Esthétique* editado em 1901.

⁴⁹ Cf. Ata da Sessão do COI de 1911 realizada em Budapeste.

estandardizado e corporativo do equilíbrio, que a EF e os seus sistemas diziam preconizar, entre os quais imperava o sueco.

Coubertin nunca conseguiu substituir o *mens sana in corpore sano* pelo seu *mens fervida in corpore lacertoso*. E ainda hoje há quem, revelando uma grande ignorância, utilize a expressão dos seus discursos proferidos em cerimónias relacionadas com o desporto. Mas também admitimos que o referido artigo de Coubertin “mens fervida in corpore lacertoso” possa ter sido uma espécie de “macguffin”, ou seja, uma medida de diversão, a fim de conseguir fazer aprovar pelo COI o seu verdadeiro mote, *citius, fortius, altius* que tardava a ser, de uma forma definitiva, adotado pelo COI.

Mais tarde, na 16.^a Sessão do COI realizada em Lausanne a 6 e 7 de maio de 1913, Coubertin no seu discurso de abertura esclareceu perfeitamente a sua posição, ao dizer: “nenhuma educação é digna desse nome se não se propuser por princípio essencial desenvolver todas as forças do indivíduo. (...) Na EF temos estado muito afastados deste princípio. (...) E foi por isso que eu, há vinte anos, me propus encontrar, no túmulo de Thomas Arnold que repousa no seu colégio de Rugby, as sementes da pedagogia desportiva para as transplantar para o continente na esperança de uma colheita abundante.” E Coubertin terminou o seu discurso com a frase que, pela primeira vez, tinha escrito em 1911, dizendo:

‘Mens fervida in corpore lacertoso’, une intelligence ardente dans un corps entraîné, selon le vieille devise que nous avons modernisée.

Nem tudo foram rosas para Coubertin, na medida em que existiam vários protagonistas no tabuleiro do jogo cujas personalidade e objetivos conflituavam entre si. Por exemplo, Coubertin receava que os suecos, a partir da sua ginástica, se apropriassem dos JO.

23. Os Jogos Olímpicos de Estocolmo (1912)

Em 1911, em vésperas dos JO de Estocolmo, Pierre de Coubertin receava que os Suecos quisessem realizar os JO à sua maneira, uma vez que já tinham excluído o boxe⁵⁰ do Programa Olímpico.⁵¹ Entretanto, a comunicação social sueca informava existirem problemas que estavam a pôr em causa a organização dos próprios JO em Estocolmo.⁵² Em conformidade, como de costume, Coubertin, através de uma atitude de *soft power*⁵³, que no

⁵⁰ Sobre o boxe, o Coronel Balck, membro do COI na Suécia, informava na Sessão: “il avait essayé de décider le Comité Suédois à mettre dans le Programme un Concours de Boxe, mais il s'est rencontré à une telle opposition qu'il a du y renoncer. D'ailleurs cette branche de sports n'est pas pratiquée en Suède et il serait dans l'impossibilité de former un Jury. Mais avant tout, l'opinion publique y est si hostile qu'elle risquerait de se révolter.” Cf. Ata da Sessão de Budapeste realizada de 23 a 27 de maio de 1911, p. 25.

⁵¹ Os suecos tinham feito aprovar um artigo no regulamento dos JO (artigo XII) que dizia simplesmente que “Le Comité Suédois d'Organisation se reserve le droit de rejeter les demandes d'inscriptions sans être obligé d'en indiquer les raisons, en avisant confidentiellement le Comité National compétent”. Cf. Ata da Sessão de Budapeste realizada de 23 a 27 de maio de 1911, p. 9.

⁵² “Le Président rend compte d'un article du Journal le Pester-Lloyd dans lequel il est dit que, par suite de désaccords survenus dans le sein du C.I.O. les Membres Suédois auraient même renoncé à l'organisation de la Ve Olympiade”. Cf. Ata da Sessão de Budapeste realizada de 23 a 27 de maio de 1911, p. 28.

⁵³ “Le Président, après avoir interrogé les Membres du C.I.O. constate que toutes les Nations sont favorables à la Boxe et que tout le Comité est unanime à demander l'introduction de la Boxe dans les Programmes Olympiques

passado já tinha dado grandes resultados ao serviço da USFSA, à qual Pierre Lebecq (1997) chamaria de “diplomacia confidencial”, conseguiu contornar as dificuldades ao ponto de os JO de Estocolmo (1912) terem sido um extraordinário êxito.⁵⁴ Não foi fácil, na medida em que os suecos e o seu modelo representavam uma direção diferente para o MO. Digamos que Ling (1776-1838)⁵⁵ representava bem a máxima de Juvenal que Coubertin recusava, acusando-a de ser demasiado suecofílica. A questão sueca esteve desde sempre a contaminar o natural desenvolvimento do MO, desde logo porque pela cultura e pela tradição pertenciam ao COI diversos “suecofílicos” que não percebiam ou não queriam perceber que o MO representava uma mudança radical de paradigma, ou seja, um novo equilíbrio de forças no domínio da organização das práticas corporais de finais do século XIX que Coubertin designou de eutritmia.

24. Os factos e o folclore

David Young (2005) confirma-o quando considera que a frase original de Juvenal não tinha qualquer relação com o contexto desportivo em que posteriormente passou a ser referida. E pergunta: Quem foi a primeira pessoa que associou a frase ao desporto e em que circunstâncias? Para Young, parece ter sido John Hulley, fundador do *Liverpool Gymnasium* e cofundador do *Liverpool Athletic Club* e dos JO de Liverpool realizados em 1862. O discurso em que Hulley, em 1863, proferiu essa frase, intitulado “Opinions of Eminent Men on the Importance of Physical Education”, foi editado pela *Shropshire Olympian Society*. Hulley, ainda segundo Young, porque não era um latinista nem os textos estavam suficientemente divulgados e traduzidos para permitirem a qualquer leigo a eles ter acesso, deve ter citado Juvenal “em segunda mão” pela leitura da novela *The History of Tom Jones* de Henry Fielding, publicada em 1749, onde abundam citações latinas, entre elas a de Juvenal.

Acreditamos em Young quando nos diz que a divisa *mens sana in corpore sano* é tão-só o produto da reflexão dos higienistas, entre eles médicos, militares e professores de ginástica, que acompanharam os primeiros tempos da institucionalização do moderno Movimento Olímpico mas que depressa se separaram dele.⁵⁶ Paradoxalmente, embora latina, a frase serviu para enaltecer o equilíbrio que os gregos antigos colocavam na articulação entre o corpo e o espírito. Contudo, ainda segundo Young, não existe qualquer evidência de que, ao tempo da Grécia Antiga, as coisas em matéria de desporto se tenham passado assim. Para este

de l'avenir.” E foi aprovada a seguinte moção: “Le C.I.O. tout étant unanime à souhaiter que les concours de Boxe figurent au Programme, est aussi unanime à déclarer qu'il prend en considération les impossibilités exposées par le Comité Suédois et que pour ne pas créer des désagréments aux Membres du Comité Suédois, renonce à réclamer des concours de Boxe, pour l'Olympiade de 1912”. Cf. Ata da Sessão de Budapeste realizada de 23 a 27 de maio de 1911, pp. 25-26.

⁵⁴ Lebecq, Pierre-Alban (1997). *Paschal Grousset et la Ligue Nationale de l'Éducation Physique*. Paris, Harmattan, p. 212.

⁵⁵ Pehr Henrik Ling foi um fisioterapeuta sueco. A partir dos conhecimentos da medicina oriental adquiridos numa viagem à China, elaborou um sistema gímico dividido em quatro partes (pedagógico, médico, militar e estético) que ficou conhecido como “ginástica sueca”.

⁵⁶ Por exemplo em Portugal, após a implantação da República, os professores de Ginástica – que incluía médicos e militares – assim que os novos dirigentes lhes prometeram uma escola de ginástica e lugares de quadro desistiram logo do MO porque, de facto, nada tinha a ver com ele. Então foi necessário fundar o Comité Olímpico Português em 1912. A este respeito ver: Pires, Gustavo (2012). *Francisco Lázaro, o Homem da Maratona*. Lisboa, Prime Books.

investigador são conhecidos os nomes de muitos campeões dos JO e Jogos Pítios, todavia, nenhum deles ficou conhecido por qualquer proeza no domínio intelectual, tal como nenhum Grego de renome no domínio intelectual ganhou qualquer prova desportiva de significado, muito embora Allen Guttmann⁵⁷ afirme que Platão, na sua juventude, teria participado nos Jogos Pítios, Ístmicos e Nemeus na modalidade de luta, e Avery Brundage, nos seus discursos, gostasse de referir as virtudes atléticas de Platão e a sua participação nos Jogos. E Yang conclui que:

... na sociedade da Grécia antiga a maioria dos atletas e a maioria dos intelectuais estavam separados tal como estão na sociedade americana dos dias de hoje.⁵⁸

25. Olimpismo e eurtmia

A disputa ideológica protagonizada por Coubertin, entre o *mens sana...* por um lado e o *mens fervida...* e o *citius...* por outro, leva-nos ao conceito de eurtmia no quadro do pensamento de Coubertin. Eurtmia, de acordo com o *Grand Dictionnaire Universel du XIX Siècle – Larousse*, significa escolha feliz de sons, ritmo harmonioso, movimento feliz, combinações harmoniosas.

É opinião aceite que Coubertin introduziu o conceito de eurtmia no seu discurso devido à influência de John Ruskin (1819-1900), por quem Coubertin tinha uma grande admiração.

Ora, a questão (contradição) é a seguinte: como conciliar o conceito de eurtmia abraçado por Coubertin quando o próprio, por diversas vezes, negou a máxima de Juvenal? Como conciliar o conceito de eurtmia com a máxima do MO *citius, altius, fortius*? Não é fácil, na medida em que, como referiu Marcia De Franceschi, Coubertin nunca definiu o conceito de uma forma perfeitamente clara.⁵⁹

Contudo, não sendo fácil, é possível, e é o próprio Coubertin a apresentar a solução a partir do pensamento de Ruskin. Para este, o conceito de eurtmia devia ser encontrado não na ação produzida por uma obra perfeita mas mal enquadrada mas na ação produzida por um conjunto de conceitos que, ainda que imperfeitos, se encontram bem ordenados. Nesta perspetiva, o conceito de eurtmia em Coubertin deve ser encontrado não na justeza de cada uma dos elementos e categorias do MO mas na totalidade das categorias que organizam o Olimpismo.⁶⁰ Ou, como disse Conrado Duránte na alegria porque, para Coubertin, a primeira condição do Olimpismo é “estar alegre”.⁶¹

⁵⁷ Cf. Guttmann, Allen (1978). *From Ritual to Record – The Nature of Modern Sport*. USA, Columbia University Press.

⁵⁸ Cf. Young, C. David (2005). *Mens Sana in Corpore Sano? Body and Mind in Ancient Greece*. *The International Journal of the History of Sport*, Vol. 22, No. 1, January 2005, p. 25.

⁵⁹ Neto-Wacker, Marcia De Franceschi (2009). Educação Olímpica, Olimpismo e Eurtmia. In: *Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil*. Brasil, Universidade Federal do Rio grande do Sul, UFRCS editora, p. 33.

⁶⁰ Cf. Pierre de Coubertin (1986). *Les Universités Populaires*. In: *Textes Choisis, Tome I*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 523. (Pages de critique et d'histoire. V' fascicule. Edité par l'Institut Olympique Lausanne, 1919, pp. 1-8).

⁶¹ Cf. Duránte, Conrado (2013). *Pierre de Coubertin, Credo y Simbología Olímpica*. Madrid : Comité Olímpico Español, p.81.

26. O protagonista

A questão central do pensamento de Coubertin, que se expressa da política à educação, está na perspectiva competitiva. Tal como os gregos antigos, Coubertin defendia o extraordinário valor da competição no ato educativo. Por isso, todo o seu pensamento foi organizado à volta de uma competição justa, nobre e leal, qual “pedra de toque” à volta da qual se estruturou o seu pensamento. Numa comunicação proferida em 1890 na Universidade Transatlântica, Coubertin dizia:

A Grécia prosseguiu a perfeição do indivíduo pela harmonia das suas diversas faculdades. A idade média pregou o ascetismo em que a alma escravizava o corpo do seu suposto inimigo; de seguida surgiu o ideal militar, e atualmente é essa atividade que domina. Em suma, combate-se contra as coisas, contra os homens, contra os acontecimentos ou contra nós próprios, é sempre uma luta e a luta é nobre (!).⁶²

148

Na sua condição de helenista, Coubertin sabia que para os gregos antigos, *agôn*, para além de competição, também significava assembleia, reunião para os jogos, festas e atos religiosos. O protagonista (*prot* – primeiro; *agôn* – luta; sufixo – *ista*) era aquele que entrava em competição e, assim, organizava o instinto de combate. Deste modo, os gregos procuravam encontrar para a sua vida pessoal e social um equilíbrio competitivo a que denominavam *stasis*⁶³, que significava uma situação eurítmica de “estabilidade dinâmica” pela permanente competição, por oposição a uma situação de “estabilidade podre” pela anulação da vontade dialética com a consequente subordinação de todas as vontades a uma única vontade, quer dizer, nas palavras de Nietzsche, o “instinto de rebanho”.⁶⁴

Na Grécia Antiga, cabia à *paideia*⁶⁵ a formação do homem grego, pelo que a pedagogia popular exigia que cada talento ou vocação se desenvolvesse pela luta, pela competição, quer dizer, pelo *agôn* em busca da *areté*; assim também Coubertin ia ao ponto de pensar que o equilíbrio estético do desporto moderno devia ser partilhado numa comunhão eurítmica entre os atletas e os espetadores. Assim sendo, Coubertin não podia estar satisfeito com o facto do

⁶² “La Grèce a poursuivi la perfection de l'individu par l'harmonie de ses diverses facultés. Le moyen-Age a prêché l'ascétisme, c'est-à-dire l'âme asservissant le corps, son ennemi supposé; ensuite, a paru l'idéal militaire, et maintenant, c'est l'activité qui domine. En somme, qu'on se batte contre les choses, contre les hommes, contre les événements ou contre soi-même, c'est toujours une lutte et la lutte est noble (!).” (In: Coubertin, Pierre (1888). *L'Éducation en Angleterre. Universités Transatlantiques*. Paris, Libr. Hachette, 1890, pp. 231-233 (paragr. XIII du chap. V: ‘Du Nord au Sud’). Cf. Pierre de Coubertin, *Textes Choisis, Tome I*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 129.

⁶³ *Stasis*, no discurso de Tucídides, significa o conjunto de sintomas que indicam uma perturbação interna nos indivíduos ou estados.

⁶⁴ Cf. Nietzsche, Friedrich (1998). *A Gaia Ciência*. Lisboa, Relógio d'Água, p. 132.

⁶⁵ Jaeger, Werner (1995). *Paidéia, a Formação do Homem Grego*. São Paulo, Martins Fontes. Na introdução à obra, diz-nos Jager: “Não se pode evitar o emprego de expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação; nenhuma delas, porém, coincide realmente com o que os Gregos entendiam por *paideia*. Cada um daqueles termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global, e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los todos de uma só vez” (p. 1).

MO, em muitas circunstâncias, estar dominado pela máxima de Juvenal que estabelecia um *status quo* entre o corpo e o espírito gerador de uma filosofia demasiado higiénica.

27. O conceito de euritmia

A palavra euritmia, que tem uma origem etimológica no grego (*eu* = bem + *rythmos* = exatidão), significa a proporção harmónica e exata entre as diferentes partes de um todo. Esta proporção harmónica e exata entre as partes significa que o conceito de Olimpismo articula nas suas múltiplas componentes uma dinâmica entre o prazer do esforço físico levado ao limite da superação e o prazer da medida no sentido da ordem competitiva.

Contudo, apesar de a expressão *citius, altius, fortius* estar inscrita no frontispício do número 1 do *Bulletin International des Jeux Olympiques*, a institucionalização da máxima do Frade Didon só começou formalmente a ser utilizada em 1921 quando passou a constar na capa da Carta Olímpica editada naquele ano. Este facto fica-se fundamentalmente a dever a contradições internas que subsistiam no seio do COI mesmo durante os últimos anos da liderança de Coubertin.⁶⁶

Como temos vindo a repetir, a frase de Juvenal tem sido citada nas mais diversas circunstâncias com um sentido que pretende expressar uma dimensão estática relativamente a uma euritmia entre a paz do corpo e do espírito. Contudo, ao contrário daquilo que sobressai da frase de Juvenal, a virtualidade está no todo para além de cada uma das partes. Assim sendo, o conceito de euritmia para Coubertin ultrapassa a dimensão de equilíbrio estático de Juvenal. Para ele, o termo Euritmia significava ritmo harmonioso ou movimento harmonioso, que nada tem a ver com imobilidade. A este respeito, para George Rioux, euritmia em Coubertin significava um acordo entre o próprio e o mundo numa unidade eufórica.⁶⁷ E Rioux desenvolveu melhor a sua ideia dizendo:

A euritmia define o equilíbrio interno e externo de todo o sistema dinâmico. A objetividade e a subjetividade conjugam-se segundo um ritmo comum ao ser e ao seu envolvimento próximo e longínquo. A euritmia engendra, então, a euforia, o modo específico de atualização do princípio universal de harmonia nos fins prosseguidos e de economia nos meios utilizados.⁶⁸

⁶⁶ Quando em 1921 a máxima *citius, altius, fortius* pela primeira vez apareceu impressa na Carta Olímpica, surgiu também associada ao logótipo do COI representado por cinco anéis de diferentes cores entrelaçados uns nos outros que, para além de significarem a união dos cinco continentes, simbolizavam também a dimensão internacionalista que Pierre de Coubertin, através da institucionalização de “lutas pacíficas e cortesões”, pretendia atribuir ao Movimento Olímpico.

⁶⁷ “Eurythmie = accord avec soi-même et le monde, en une unité euphorisante.” Cf. Rioux, George (1986). *Pierre de Coubertin Éducateur*. Cf. Pierre de Coubertin, *Textes Choisis, Tome I*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 28, nota 23.

⁶⁸ “L'eurythmie définit l'équilibre interne et externe de tout système dynamique. L'objectivité et la subjectivité s'y conjuguent suivant un rythme commun à l'être et à son environnement proche ou lointain. L'eurythmie engendre alors l'euphorie, c'est là le mode spécifique d'actualisation du principe universel d'harmonie dans les fins poursuivies et d'économie dans les moyens utilisés.” Cf. Rioux, George (1986). *Pierre de Coubertin Éducateur*. Cf. Pierre de Coubertin, *Textes Choisis, Tome I*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 20.

Ora, a euforia é geralmente definida como um estado de bem-estar físico e emocional exagerado que, normalmente, não é atingido durante a vida normal de todos os dias. Neste sentido, um estado de euforia como, por exemplo, é o triunfo de um atleta, desencadeia no comportamento humano um desequilíbrio que necessariamente obriga à procura de um novo equilíbrio.

28. O excesso e a justa medida

A este propósito Norbert Müller, referindo-se a Coubertin, afirma:

Pedagogo apaixonado, estava convencido de que a mudança nos relatórios sociais e tecnológicos da civilização do início do século XX apelava a um homem novo e, em consequência, a uma nova educação. Esta educação olímpica, aos seus olhos, repousa simultaneamente no culto do esforço e no culto da euritmia, ou seja, a combinação do gosto pelo excesso e pela medida.⁶⁹

150

Portanto, tanto Rioux como Müller defendem um sentido dinâmico para a conceção de Coubertin de euritmia. De facto, Coubertin já em 1907 dizia:

Quando, por acaso, qualquer conjunto verdadeiramente eurítmico se expõe diante de nós, somos tomados por um frenesim de alegria. Existe ali um embrião de renascimento, o ponto de partida de um movimento que se acentuará rapidamente.⁷⁰

Para ele, o conceito de euritmia tinha um sentido holístico, pelo que, no desequilíbrio da pequenez do homem perante as extraordinárias forças da natureza, a colaboração entre o homem e a natureza era um dos elementos essenciais da euritmia”.⁷¹ Mas também tinha um sentido de equilíbrio dinâmico porque o desporto, na sua inquietude, fornecerá à arte esta poesia do movimento que lhe é difícil de interpretar sem ultrapassar os limites da medida e da euritmia.⁷² E esta dimensão do equilíbrio dinâmico fica bem expressa num texto de 1918 em que Coubertin refere:

⁶⁹ “Pédagogue passionné, il était persuadé que le changement dans les rapports sociaux et techniques de la civilisation du début du XX siècle appelaient un homme nouveau et, par conséquent, une éducation nouvelle. Cette éducation olympique, à ses yeux, repose simultanément sur le culte de l'effort et sur le culte de l'eurythmie par conséquent sur le goût de l'excès et sur le goût de la mesure combines.” Cf. Müller, Norbert (1986). Prefácio. In: Pierre de Coubertin, *Textes Choisis, Tome II*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 15. A citação que Müller faz está em: Lettres Olympiques V, in: *Gazette de Lausanne*, 28 nov. 1918, 325, pp. 1-2.

⁷⁰ “Quand, par hasard, quelque ensemble vraiment eurythmique se dresse devant nous, un frisson de joie nous secoue. Il y a là l'embryon d'une renaissance, le point de départ d'un mouvement qui ira s'accroissant rapidement.” In: Coubertin, Pierre (1907). *Essais de Psychologie Sportive. Revue Olympique*. Lausanne/Paris, Libr. Payot, févr., pp. 32-42. In: Coubertin, Pierre (1986). *Textes Choisis. Tome II*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 52.

⁷¹ “La collaboration étroite de l'homme et de la nature est un des éléments essentiels de l'eurythmie en pareille matière.” In: Pierre de Coubertin, *Textes Choisis, Tome II*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 57. Fragmento extraído de um conjunto de textos de Coubertin produzidos em 1909 e 1910 no âmbito do Concurso Internacional de Arquitetura promovido pelo COI.

⁷² “Le sport fournira à l'art cette poésie du mouvement dont il se passe malaisément, mais qu'il lui est parfois difficile d'interpréter ailleurs sans franchir les limites de la mesure et de l'eurythmie.”. In: Pierre de Coubertin,

O Olimpismo é um estado de espírito imbuído de um duplo culto: o do esforço e o da eurtímia. Observe-se quanto a associação destes dois elementos está conforme a natureza humana – o gosto pelo excesso e o gosto pela medida – cujos aspetos contraditórios se encontram, portanto, na base de toda a virilidade completa. Será um homem no sentido perfeito da palavra aquele que se inquieta sem deixar de gerir as suas forças, de limitar as suas iniciativas e não obtém nenhum prazer a esforçar-se para além daquilo que dele esperam? Mas ao mesmo tempo será um homem no sentido perfeito da palavra aquele que não se diverte a ver a intensidade da sua dinâmica adornar-se com um sorriso tranquilo e pelo autocontrolo regular a ordem, o equilíbrio e a harmonia?⁷³

Portanto, para Coubertin o Olimpismo vive da dialética entre o excesso e a medida que, fazendo-nos lembrar Nietzsche na *Competição em Homero* e o seu princípio do ostracismo, representa a base da “virilidade completa”.

29. Geometria variável

Para Lamartine da Costa⁷⁴, a ênfase da frase de Coubertin deve ser posta no contraste entre “o excesso e a medida”.⁷⁵ Porque o desporto é isso mesmo: o excesso devidamente controlado. Ora, é este excesso controlado que nos leva a considerar que, em Coubertin, a ideia eurítmica do equilíbrio da proporção é dinâmica. Assim sendo, o *citius, altius, fortius* e o *mens fervida in corpore lacertoso*, na sua dinâmica, ultrapassam a máxima de Juvenal. E Coubertin, tal como Nietzsche com o *Demónio de Sócrates*, assim pensava porque, dizia ele,

Textes Choisis, Tome I. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 617. (Le Sport et la Société moderne. Discours prononcé en Sorbonne, en présence de Raymond Poincaré, Président de la République, à l'occasion du xx^e anniversaire du rétablissement des Jeux Olympiques. In: *La Revue Hebdomadaire*, 23^{eme} année, 20 juin 1914, pp. 376-386).

⁷³ “L’olympisme est un état d’esprit issu d’un double culte: celui de l’effort et celui de l’eurythmie. Et voyez combien conforme à l’humaine nature apparaît l’association de ces deux éléments – le goût de l’excès et le goût de la mesure - qui, d’aspect contradictoire, se trouvent pourtant à la base de toute virilité complète. Est-il un homme au sens parfait du mot qui s’inquiète sans cesse de ménager ses forces, de limiter ses initiatives et ne prend point plaisir à se dépenser au delà de ce qu’on attend de lui? Mais en même temps est-il un homme au sens parfait du mot celui qui ne se plaît pas à voir l’intensité de son élan se parer de calme souriant et de maîtrise de soi, s’encadrer d’ordre, d’équilibre et d’harmonie?” Cf. Pierre de Coubertin, *Textes Choisis, Tome II.* Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 385. (In: *La Gazette de Lausanne*, no. 319, 22 nov. 1918, p. 1).

⁷⁴ Lamartine da Costa, para além de ser uma referência mundial no domínio dos Estatutos Olímpicos, foi quem os iniciou no espaço cultural da língua portuguesa.

⁷⁵ Lamartine da Costa (1997). *Olympism and the Equilibrium of Man*. Le Havre, The Committee International Pierre de Coubertin. *Pierre de Coubertin and Olympism – Questions for the Future*. Centennial Olympic Congress, Le Havre 17th-20th September, pp. 203-211. <<http://www.coubertin.ch/pdf/98%20PDF%20angl.pdf>> Este trabalho de Lamartine da Costa foi editado em português em: Da Costa, Lamartine P. O Olimpismo e o Equilíbrio do Homem. In: Tavares, Otávio; Da Costa, Lamartine (Eds.). *Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro, Editora Gama Filho, 1999.

o natural no homem é o excesso. Em consequência, “nem a natural tendência pelo esforço nem o hábito da euritmia surgiam espontaneamente”.⁷⁶

Lamartine concluiu que a medida da euritmia é o objeto necessário para que o desporto desenvolva o seu esforço em harmonia e segurança. Muito embora o trabalho de Lamartine tenha seguido a via explanatória daquilo a que ele designou por “Olimpismo pluralístico”, se bem interpretamos, podemos dizer que, também para ele, o conceito de euritmia em Coubertin tem um sentido dinâmico estabelecido na dialética entre o razoável excesso e a justa medida. E Lamartine argumenta com estudos apresentados na Academia Olímpica Internacional que identificaram paradoxos e, especialmente, limitações ao Movimento Olímpico Internacional.⁷⁷ Nestes termos, para Lamartine:

Filosoficamente, o sentido prático do Olimpismo é mais relacionado com objetivos culturais do que com prescrições científicas ou pedagógicas. Este argumento, além do mais, pode ser posteriormente reelaborado pela metáfora produtiva do *homo athleticus* e do *homo symbolicus*, no sentido de explicar as armadilhas culturais do Olimpismo.⁷⁸

Tendo em atenção o pensamento de Lamartine, podemos dizer que ele assume para o conceito de Olimpismo um sentido de geometria variável de acordo com as diferenças culturais de cada região, o que, no nosso entender, atribui também ao conceito de euritmia um sentido dinâmico. Na realidade, para Coubertin o sentido de euritmia está na proporção. E a proporção tem um sentido cultural: é construída pelas normas de conduta, as regras de civilidade e os comportamentos adquiridos. Por isso, a proporção é a base da euritmia.

30. As circunstâncias

Mas quando Coubertin fala de proporção não se trata de uma proporção qualquer, trata-se de uma proporção dinâmica e circunstanciada a cada contexto. Quer dizer, refere-se a encontrar uma relação perfeita de circunstância, por exemplo, entre o *citius altius fortius* e “o mais importante é participar”.⁷⁹ A este respeito Messing e Müller⁸⁰ também recordam a frase

⁷⁶ “Or, ni la tendance à l'effort, ni l'habitude de l'eurythmie ne se développent en nous spontanément. Il y faut un apprentissage et un entraînement.” In: Pierre de Coubertin, *Textes Choisis, Tome II*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 385. (In: *La Gazette de Lausanne*, no. 319, 22 nov. 1918, p. 1).

⁷⁷ Lamartine da Costa refere-se à 33.ª Sessão da Academia Olímpica Internacional, na qual o tema central foi “as diferentes aplicações do Olimpismo nas principais zonas culturais do mundo”. Ver *IOA Report*, 33rd Session, Ancient Olympia, 1993.

⁷⁸ Lamartine da Costa (1997). *Olympism and the Equilibrium of Man*. Le Havre, The Committee International Pierre de Coubertin. Pierre de Coubertin and Olympism – Questions for the Future. Centennial Olympic Congress, Le Havre 17th-20th September, pp. 203-211. <<http://www.coubertin.ch/pdf/98%20PDF%20angl.pdf>> Este trabalho de Lamartine da Costa foi editado em português em: Da Costa, Lamartine P. O Olimpismo e o Equilíbrio do Homem. In: Tavares, Otávio; Da Costa, Lamartine (Eds.). *Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro, Editora Gama Filho, 1999. <<http://www.coubertin.ch/pdf/98%20PDF%20angl.pdf>> (consultado em 28-04-2007).

⁷⁹ Esta divisa ficou-se a dever a Ethelbert Talbot, bispo da Pensilvânia (EUA), que a proferiu num sermão dirigido aos atletas que participavam nos Jogos de Londres (1908). Quer dizer: “o importante nos Jogos Olímpicos não é ganhar mas sim participar, tal como o essencial na vida não é conquistar mas lutar bem”. Muito embora o discurso tenha passado despercebido para a maioria, como se veio a verificar pelos incidentes

de Coubertin dizendo que o maior sentido da vida não é vencer mas lutar com uma ideia de superação, um sentimento justo, nobre e leal, quer dizer, com um espírito de cavalheirismo e *fair-play*, em que o desporto cria um sistema transparente de igualdade desportiva que depois, na lógica do rendimento, da medida, do recorde e do espetáculo que faz parte da eurtimnia, permite ao atleta superar-se, transcender-se e afirmar-se como o melhor. Porque, muito embora as pessoas de uma maneira geral estejam contra as desigualdades quando são injustas e duradoras, o que é facto é que as aceitam e até protegem quando se trata de circunstâncias especiais difíceis de conseguir noutras áreas sociais que não no desporto, desde logo porque o ídolo é uma figura que está presente e é necessária ao mundo do desporto. Assim sendo, para Messing e Müller a eurtimnia olímpica significa que o desporto cria um sistema transparente de igualdade que permite a diferença competitiva através de um balanço equilibrado. Porque, na eurtimnia do jogo, a competição não se traduz somente no confronto de opositores mas numa contínua mudança de tensões entre eles na medida em que, sendo o desporto uma forma organizada de processamento de conflitos, permite assegurar uma contínua cooperação entre as partes.

E neste sentido entende-se porque é que Coubertin seguia o “princípio ruskiniano” segundo o qual a ação produzida por um agrupamento bem ordenado de objetos imperfeitos é melhor para a coletividade do que a ação produzida por uma obra perfeita mal enquadrada: estava implicitamente a defender a máxima do MO, o *citius, altius, fortius*, bem como a consequente pirâmide de desenvolvimento. Porque uma relação perfeita entre as circunstâncias, a duração, os gestos, as sensações e as cores está na base de todo o efeito eurítmico que só pode ser conseguido através de conceções recíprocas em proveito do conjunto que deve ser conseguido na inspiração de cada detalhe.⁸¹ Ruskin inspirou Coubertin nesta perspetiva ao ponto de, em 1911, escrever um artigo intitulado “Décoration, Pyrotechnie, Harmonies, Cortèges: Essai de Ruskinianisme Sportif”.⁸² Assim, o desporto

acontecimentos posteriormente na prova de 400m barreiras e na maratona, o que é facto é que Coubertin não deixou de aproveitar a ideia do Bispo para, no discurso proferido a 24 de julho, aquando do banquete de encerramento dos JO de Londres (1908), dizer: “Domingo passado, durante a cerimónia organizada em São Paulo em honra dos atletas, o Bispo de Pensilvânia referiu em termos muito felizes: O importante nas Olimpíadas é menos ganhar do que participar. O importante na vida não é o triunfo mas o combate.” “Dimanche dernier, lors de la cérémonie organisée à Saint Paul en l'honneur des athlètes, l'évêque de Pennsylvanie l'a rappelé en termes heureux; l'important dans ces olympiades, c'est moins d'y gagner que d'y prendre part.” In: Pierre de Coubertin, *Textes Choisis, Tome III*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 449.

⁸⁰ Messing, Manfred and Müller, Norbert (2000). Coubertin's Philosophical Concept of “Eurhythmie” and German Tourists' Balance of Sport and Art Interests in the Barcelona and Atlanta Olympic Games. In: *Bridging Three Centuries: Intellectual Crossroads and the Modern Olympic Movement*. Fifth International Symposium for Olympic Research. <<http://library.la84.org/SportsLibrary/ISOR/ISOR2000x.pdf>> (Consultado em 02-04-2012).

⁸¹ “Le sens eurythmique: La proportion, base de l'eurythmie. - Selon le principe ruskinien, l'action éducatrice produite par le groupement bien ordonné d'objets imparfaits est supérieure sur la collectivité à l'action produite par une oeuvre parfaite mal entourée. - Un rapport heureux entre les circonstances, la durée, les gestes, les sens, les couleurs ... est à la base de tout effet eurythmique. - L'effet ne peut être obtenu que par des concessions réciproques au profit de l'ensemble à réaliser et la mise au point doit s'inspirer de chaque détail.” In: Pierre de Coubertin, *Textes Choisis, Tome I*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 523. (Pages de critique et d'histoire. V' fascicule. Edité par l'Institut Olympique Lausanne, 1919, pp. 1-8).

⁸² Cf. Pierre de Coubertin (1986). *Décoration, Pyrotechnie, Harmonies, Cortèges. Essai de Ruskinianisme Sportif*. Textes Choisis, Tome II. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 535. (In: *Revue*

deve ser portador de alegria e desenvolver as suas práticas numa perspectiva de festa e de culto da essência humana através dos JO renovados todos os quatro anos, das celebrações e cerimónias tais como as cerimónias de abertura e o encerramento dos JO, da proclamação dos vencedores, dos símbolos e dos anéis olímpicos, da bandeira, da chama olímpica, e da festa em geral que, na dinâmica da sua estética, tinham para Coubertin um sentido eurítmico da organização da competição que devia animar o MO.

A questão eurítmica para Coubertin não se colocava exclusivamente no domínio da prática desportiva propriamente dita. Ele atribuía-lhe também uma dimensão organizacional pelo que, a este respeito, relativamente aos JO de Los Angeles (1932), disse:

As multidões que assistem à abertura dos Jogos eram na sua maioria transatlânticas que nunca tinham assistido a tal espetáculo. Parece que elas ficaram fortemente impressionadas e os organizadores, pelo seu lado, parece que atingiram o máximo de eurtmia olímpica desejável à solenidade de tal circunstância (!).⁸³

Nem podia ser de outra maneira. São as circunstâncias do ambiente que determinam a dinâmica da eurtmia. Por isso, como refere Rioux, na perspectiva de Coubertin, “a natureza da relação do homem com o seu envolvimento é a pedra fulcral do desenvolvimento”.⁸⁴ E o ambiente estava na institucionalização de um sistema competitivo organizado à escala mundial que exigia o abandono de um modelo de atividade física de matriz biológica que encontrava a sua fundamentação no equilíbrio estático da máxima de Juvenal que se projetava na ginástica sueca da EF. E, a este respeito, em 1918, Coubertin afirmou:

O Olimpismo é uma reação contra estas nefastas tendências. Ele recusa-se a fazer da educação física qualquer coisa de puramente fisiológica e de cada espécie de desporto um exercício autónomo e separado.⁸⁵

Por isso, como bem recorda Jean Durry⁸⁶, para Coubertin o Olimpismo “não é um sistema mas um estado de espírito”.

Olympique, avril 1911, pp. 54-59 – chap. I; mai 1911, pp. 71-76 – chap. II; juillet 1911, pp. 106-110 – chap. III; août 1911, pp. 122-124 – chap. IV-V; oct. 1911, pp. 149-152 – fin; Brochure spéciale, Paris 1912.)

⁸³ “Les foules qui assistèrent à l'ouverture des Jeux étaient des foules en majorité transatlantiques qui n'avaient jamais encore contemplé ce spectacle. Elles paraissent en avoir été grandement impressionnées et les organisateurs, de leur côté, semblent avoir atteint le maximum d'eurythmie olympique désirable en cette circonstance solennelle (!).” Cf. Pierre de Coubertin, *Textes Choisis, Tome II*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 294. (In: *Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive*, no. 9, Lausanne [1933], pp. 6-7).

⁸⁴ “... on connaît la prise de position fondamentale de Coubertin: la nature du rapport de l'homme avec son environnement devient la pièce maîtresse de son épanouissement.” Cf. Rioux, George (1986). *Pierre de Coubertin Éducateur*. Cf. Pierre de Coubertin, *Textes Choisis, Tome I*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, p. 23.

⁸⁵ “... l'olympisme est une réaction contre ces néfastes tendances. Il se refuse à faire de l'éducation physique quelque chose de purement physiologique et de chaque espèce de sport un exercice autonome et séparé.” Cf: Coubertin, Pierre (1986). *Textes Choisis, Tome II*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, Weidmann. Coordinateur de l'édition et directeur de recherche: Norbert Müller. P. 361, p. 384. (In: *La Gazette de Lausanne*, no. 294 du 26 oct. 1918, p. 1).

⁸⁶ Cf. Durry, Jean (1997). *Le Vrai Pierre de Coubertin*. Paris, Comité Français Pierre de Coubertin.

31. O ideal de eurtimnia

A ideia de Coubertin⁸⁷ era suscitar entre os atletas e os espetadores uma sensação estética que ele denominava de “ideal de eurtimnia” e definia como a combinação harmoniosa das linhas, dos sons e das proporções. Era o justo equilíbrio das faculdades a fim de formar uma combinação eurítmica.⁸⁸ Contudo, quando Coubertin se referia ao “justo equilíbrio das proporções”, isto não significa um equilíbrio estático de Juvenal, mas sim um ideal sustentado num equilíbrio dinâmico promotor de desenvolvimento e de progresso. Quer dizer, o equilíbrio em Coubertin encontrava-se na justa proporção dos desequilíbrios com vista a conseguir um novo equilíbrio. Assim, o humanismo de Coubertin desprezava o equilíbrio do *mens sana in corpore sano* a fim de assumir os desequilíbrios do *citius, altius, fortius* do Frade Didon. Por isso, nas suas *Lettres Olympiques* ele escreveu:

Equilíbrio na vida é como um resultado e não uma meta, como uma recompensa e não uma pesquisa. Não é obtida pela adição de precauções, mas de esforços alternados.⁸⁹

Até porque o homem, antes de tudo, para utilizarmos a expressão de Nietzsche, é natureza que busca a superação e a excelência na dinâmica dos sistemas abertos em conflito constante na busca de novos equilíbrios. Assim sendo, a eurtimnia do *mens sana in corpore sano* para Coubertin nada tinha a ver com o desporto, desde logo porque entrava profundamente em contradição com o *citius, altius, fortius* da competição olímpica. O que significa que a eurtimnia ou o equilíbrio do homem em Coubertin está precisamente na dialética de equilíbrios e desequilíbrios provocada pela competição enquanto fio condutor da explicação ontológica para utilizarmos uma expressão de Hans-George Gadamer.⁹⁰

Conforme sintetizou Lamartine da Costa, a ideia de eurtimnia no quadro do Olimpismo visava:

Fornecer harmonia e prudência ao excesso, à paixão, às ações corporais autónomas e criativas ou à liberdade individual incorporados pelo *homo athleticus* universal.⁹¹

Quer dizer, a questão eurítmica associada ao equilíbrio dinâmico da competição está no centro das questões fundamentais que devem organizar as práticas desportivas no âmbito de

⁸⁷ Coubertin, Pierre (1986). *Textes Choisis, Tome II*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, Weidmann (3 tomes). Cordinateur de l'édition et directeur de recherche: Norbert Müller. P. 361, p. 358.

⁸⁸ Cf. Lamartine da Costa (1997). *Olympism and the Equilibrium of Man*. Congrès du Havre. Comité International Pierre de Coubertin. 17-20 Septembre, p. 203-211. <<http://www.coubertin.ch/cipc007.htm>>

⁸⁹ “L'équilibre, dans la vie, se présente comme un résultat et non un but, comme une récompense et non une recherche. Il ne s'obtient pas en additionnant des précautions mais en alternant des efforts.” Cf. Coubertin, Pierre (1986). *Textes Choisis, Tome II*. Müller, Norbert (ed.). Zurich, Hildesheim, New York, Weidmann. Cordinateur de l'édition et directeur de recherche: Norbert Müller. P. 361, p. 386.

⁹⁰ Cf. Gadamer Hans-George (2005). *Verdade y Método*. Petropolis, Editora Vozes, vol. 1, p. 154.

⁹¹ Cf. Da Costa, Lamartine P. O Olimpismo e o Equilíbrio do Homem. In: Tavares, Otávio; Da Costa, Lamartine (Eds.). *Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro, Editora Gama Filho, 1999, p. 64.

uma educação olímpica e de uma cultura olímpica. Visa estabelecer um equilíbrio dinâmico nos naturais desequilíbrios das práticas desportivas que, na sua pluralidade, ainda segundo Lamartine, atribuem à visão internacionalista de Coubertin “um humanismo viável”. E, a este respeito, Lamartine prossegue:

Hoje, o *homo symbolicus*, em nome de uma versão pluralística do Olimpismo, deveria guiar e controlar o envolvimento humano no esporte pela medida, pela sabedoria ou pela harmonia nas ações. Em síntese, para um novo Olimpismo a noção de eurtímia deve ser primariamente endereçada ao *homo symbolicus*, com menos atenção ao há muito admirado *homo athleticus*.⁹²

Só assim a dinâmica pluricultural do Olimpismo transforma o desporto num humanismo viável e, ao fazê-lo, atribui um sentido eurítmico ao processo de desenvolvimento numa dialética construtiva entre a teoria e a prática.

32. Conclusão

A conclusão que melhor pode enquadrar o presente ensaio é a que procura concluir acerca do legado significativo de Pierre de Coubertin. É claro que o legado de Coubertin é imenso, pelo que não é disso que se trata. Trata-se de saber qual foi o aspeto do pensamento de Coubertin que, de facto, proporcionou o extraordinário êxito conseguido pelo MO a nível internacional. A nossa tese é a de que aquilo que de mais significativo ele nos deixou, quer dizer, aquilo que possibilitou o desencadear de todas as transformações que se processaram no desporto durante os últimos quase cento e vinte anos, foi a mudança de paradigma do *mens sana in corpore sano* de Juvenal para o *citius, altius, fortius* de Didon, que fundamentalmente teve a ver com uma profunda mudança de mentalidades. A partir das atividades lúdicas informais de caráter sanitarista, Coubertin, com a institucionalização do *Comité International des Jeux Olympiques*, desencadeou o catalisador que iria mudar a configuração do desporto a nível mundial. E esse catalisador foi a competição organizada simbolizada no *citius, altius, fortius* institucionalizado a uma escala mundial a partir da organização dos JO que, na lógica da pirâmide de desenvolvimento, desencadeou o efeito de ídolo e o desenvolvimento do desporto nos mais recônditos lugares do planeta. Quer dizer que foi com a competição organizada a uma escala mundial que Coubertin ultrapassou a dinâmica paroquial de Grousset e Tissie e dos designados *Lendits* enquanto jogos locais de caráter escolar de sabor nacionalista. E a organização da competição a uma escala global foi-a Coubertin buscar:

- À perspetiva universalista da prática desportiva, que foi buscar a Inglaterra, às experiências sociopedagógicas levadas a cabo pelo médico Penny Brookes;
- À dinâmica de educação desportiva que encontrou na escola de Rugby de Thomas Arnold e no livro que as relata, de seu título *Tom Brown's Schooldays*, de Thomas Hughes;
- À dialética liberdade x responsabilidade, no livro *Notes sur Angleterre* de Hippolite Taine;

⁹² Cf. Da Costa, Lamartine P. O Olimpismo e o Equilíbrio do Homem. In: Tavares, Otávio; Da Costa, Lamartine (Eds.). *Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro, Editora Gama Filho, 1999, p. 64.

- À visão das grandes transformações sociais e institucionais, de Frederic Le Play;
- À perspectiva estética de John Ruskin.

Estes autores deram a Coubertin os elementos necessários para a idealização de um modelo de competição desportiva internacional com normas, regras, estética e processos de gestão estandardizados que lhe conferiam uma dimensão eminentemente pedagógica. E com este espírito Coubertin conseguiu pôr em marcha o maior evento humano conhecido à escala mundial: os JO.

Depois, os JO desencadearam a organização e consolidação de uma superestrutura desportiva universal com Clubes, Federações Nacionais, Federações Internacionais e, atualmente, até Comitês Olímpicos Regionais.

157

Coubertin, para além da EF, conseguiu também introduzir o desporto nos sistemas de ensino como gerador de uma cultura competitiva justa, nobre e leal através da ideia de Olimpismo. E hoje, como está expresso na Carta Olímpica, “o Olimpismo é uma filosofia de vida que coloca o desporto ao serviço da condição humana”.

Para fazer passar as suas ideias para um mudo como era o desporto, constituído, por um lado, por dirigentes cuja competência era fundamentalmente social e, por outro, por atletas cujo único interesse era a prática da modalidade, Coubertin encontrou na linguagem simbólica e metafórica no domínio da competição a melhor maneira de fazer passar as suas ideias. Nem sempre conseguiu, contudo: o seu grande sucesso foi ter trazido para a modernidade a cultura e a lógica dos Jogos da Grécia Antiga, adaptando os seus critérios e as lógicas de funcionamento, em que a competição era o fio condutor das suas vidas, aos tempos modernos de finais do século XIX e princípios do século XX.

Desde que Coubertin lançou a ideia de fazer ressurgir os JO da antiguidade grega decorreram quase cento e vinte anos. Hoje, o Movimento Olímpico é uma realidade inquestionável que se afirma à escala do planeta, regendo-se por todo um conjunto de rituais, normas e procedimentos com diferentes graus de formalidade que têm vindo a formatar o padrão cultural ao qual aderiram centenas de milhões de pessoas por todo o mundo. E o Olimpismo, enquanto competição que explica a vida, prolonga-se para além do desporto, porque é um estado de espírito, uma filosofia de vida, um modo de estar no mundo, um catalisador de desenvolvimento, como foi referido por Jacques Rogge, o presidente do COI a quem se fica a dever a entrada do COI como observador no seio da Organização das Nações Unidas.

É tempo de, a título póstumo, atribuir o Prémio Nobel da Paz a Pierre de Coubertin.